

PROEJA - O ALUNO

ESTERZINHA A. P. GEVAERD
SIDNEI DIAS DE OLIVEIRA

PROEJA - O ALUNO



FLORIANÓPOLIS
2009

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra.



Pesquisa, Orientação, montagem e revisão: Esterzinha A. P. Gevaerd -
Professora IF-SC, Campus Florianópolis.

Capa: Neli Marchioro - Aluna do EMJA - IF-SC, Campus Florianópolis.

G396P GEVAERD, ESTERZINHA A. P.

PROEJA : O ALUNO / ESTERZINHA A. P. GEVAERD, SIDNEI DIAS DE
OLIVEIRA. - FLORIANÓPOLIS : PUBLICAÇÃO DO IF-SC, 2009.
80 P. : IL. ; 14,8x21,10 CM.

ISBN: 978-85-62798-01-6

1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. 2. PROEJA - IF-SC. I.
OLIVEIRA, SIDNEI DIAS DE. II. TÍTULO.

CDD: 374

Catalogado por: Augiza Karla Boso CRB 14/1092
Rose Maria Lobo Goulart CBR 14/277, Elaine Santos Silva - Arquivista

SUMÁRIO

PARTE I

PROEJA - QUE HISTÓRIA É ESSA?.....	13
------------------------------------	----

PARTE II

A HISTÓRIA DE SIDNEI - O ALUNO.....	19
PRÓLOGO.....	19
CAPÍTULO I: MINHA MÃE.....	20
CAPÍTULO II: COM A PALAVRA: MEUS IRMÃOS.....	25
CAPÍTULO III: O SONHO.....	36
CAPÍTULO IV: O SORTEIO.....	39
CAPÍTULO V: PRIMEIROS PASSOS NO PROEJA.....	43
CAPÍTULO VI: UM MAU PERÍODO.....	46
CAPÍTULO VII: NOVOS AMIGOS.....	51
CAPÍTULO VIII: NOVO SEMESTRE, NOVOS DESAFIOS.....	53
CAPÍTULO IX: BONS MOMENTOS.....	57
CAPÍTULO X: MAIS UM SEMESTRE.....	60
CAPÍTULO XI: TRISTES REALIDADES.....	67
EPÍLOGO.....	71

PARTE III

OS SUJEITOS DA EJA - VÍTIMAS OU HERÓIS?.....	72
EJA... É A SOLUÇÃO?.....	82

*À minha maravilhosa filha:
Melissa Dias.*

“EU SOU UM INTELLECTUAL QUE NÃO TEM MEDO DE SER AMOROSO, EU AMO AS GENTES E AMO O MUNDO. É PORQUE AMO AS PESSOAS E AMO O MUNDO, QUE EU BRIGO PARA QUE A JUSTIÇA SOCIAL SE IMPLANTE ANTES DA CARIDADE”.

PAULO FREIRE

Como o próprio autor encarrega-se de contar, no decorrer de seu relato, este livro é uma consequência advinda de uma proposta de exercício para o desenvolvimento da escrita dos alunos numa aula de Português, no curso do PROEJA, no IF-SC.

Sidnei foi muito além. Na verdade, a idéia proposta foi apenas uma “semente”, que caiu em um solo fértil e... GERMINOU. Ele não havia se dado conta, mas a história estava lá, guardada na sua mente, prontinha para ser escrita, e digna de ser contada e compartilhada com seus colegas de curso ou com quem mais se interessar.

Trata-se de uma história muito comovente, provavelmente igual a tantas outras histórias de vida que deixaram de ser contadas por aqueles que não tiveram a mesma iniciativa, a mesma coragem e a mesma ousadia de Sidnei.

Seu desejo - nosso desejo - é que este livro atinja vários objetivos: 1) que sirva como um referencial de caracterização da maioria dos alunos de EJA; 2) que sua história de vida sirva de exemplo àqueles alunos que desistem de estudar diante da primeira dificuldade que se lhes apresenta; e, principalmente, 3) que sua iniciativa sirva de modelo a todos aqueles que têm uma boa história para contar, pois, além do salto no desenvolvimento da escrita de Sidnei, este exercício de memorização de todos os fatos por ele vividos serviu como o divã de um analista: Sidnei passou a sua vida a limpo. Está mais seguro de si, mais resolvido, mais feliz.

PROEJA – QUE HISTÓRIA É ESSA?¹

A Educação de Jovens e Adultos entrou para a história do IF-SC em virtude da demanda de muitos cidadãos que precisam voltar ao estudo e que não se encontram em adequada relação idade/série, uma prática que representa um enorme desafio quando se pensam os sujeitos de EJA, sobretudo pelos déficits históricos de atendimento desde a alfabetização.

O IF-SC - antes denominado CEFET/SC - campus de Florianópolis, oferece curso de EJA desde 2004, entretanto a implantação dessa modalidade de educação exige admitir que, de um lado, nem todos os argumentos e estratégias que se tem levantado em favor do ensino e cursos para jovens e adultos parecem devidamente apropriados como instrumento de força pedagógica que traduza eficientemente as necessidades das diferentes realidades dos grupos atendidos no IF-SC. De outro, a EJA ainda é vista na instituição com um olhar de estranhamento por diversos segmentos, de forma que os cursos existentes se traduzem em propostas que exigem ainda uma aceitação plena, como mais um relevante serviço educativo oferecido pelo IF-SC, não como oferta menor, nem pior, nem menos importante, mas como uma modalidade que exige um modo próprio de fazer a educação e que é determinado pelos sujeitos que dela fazem parte: jovens e adultos.

Assim, a situação vista por essa ótica indicou-nos a necessidade de se criarem mecanismos de investigação para melhor entender essa realidade e,

¹ Parte da pesquisa apresentada sobre o PROEJA no IF-SC e os sujeitos da EJA foi desenvolvida para o Curso de Especialização do Programa de Educação Profissional Técnica Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos - IF-SC, 2007.

a partir daí, sobre ela poder refletir criticamente, na perspectiva de apontar princípios norteadores para uma ação pedagógica mais compartilhada, eficiente e adequada para a EJA do IF-SC.

O processo investigativo permite também aprofundar questões sobre o processo de inclusão/exclusão no curso do PROEJA, por meio de trabalhos didático-pedagógicos, considerando-se ainda a necessidade de se discutir sobre o papel social da Escola e sua responsabilidade com esses alunos.

O PROEJA é um Programa de Integração Profissional Técnica de Nível Médio ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos, originário do Decreto nº. 5.478, de 24/06/2005, que instituiu o curso tendo como base de ação a Rede Federal de Educação Tecnológica, com indicação posterior de ampliar seus limites, institucionalizando uma política pública de integração de educação profissional ao ensino médio na modalidade de jovens e adultos, visando à formação humana no sentido lato: formação para a vida, não apenas para a inclusão no mercado de trabalho.

Quanto à formação profissional, o documento-base do PROEJA² aponta

² Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec/MEC) instituiu, em dezembro de 2006, um grupo de trabalho com o objetivo de criar uma política pública voltada para a educação de jovens e adultos que contemplasse a elevação da escolaridade com profissionalização.

Como resultado da discussão do grupo, foi elaborado um documento-base do Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), que será apresentado no mês de maio, no Auditório do PARLAMUNDI, durante o seminário nacional do PROEJA. A discussão teve início após a Rede Federal de Educação Tecnológica ter constatado, há algum tempo, a baixa expectativa de inclusão de jovens de classes populares entre os atendidos pelo sistema público de educação profissional.

O documento faz, inicialmente, uma análise da educação de jovens e adultos no Brasil. Alerta, também, para a necessidade de uma política de integração da educação profissional técnica de nível médio ao ensino médio na modalidade EJA que atenda à demanda de jovens e adultos, pela oferta de educação profissional da qual são excluídos. Está acessível na página do MEC.

a necessidade de rever a própria noção de trabalho, tornando a formação “mais abrangente, permitindo ao sujeito, além de conhecer os processos produtivos, constituir instrumentos para inserir-se de modos diversos no mundo do trabalho, inclusive gerando emprego e renda” (Documento Base - PROEJA, 2006).

Quanto à formação humana, alerta para a necessidade de uma formação reflexiva “que não atrele mecanicamente educação - economia” (id). Para além da legislação, o programa parte do princípio básico prescrito na Constituição Federal do Brasil de 1988³, quando diz que “a educação é um direito de todos”, sobretudo diante dos dados educacionais brasileiros que apontam uma significativa parcela de brasileiros com mais de 15 anos - público de EJA - estar afastada do processo educacional, seja na condição de analfabeto ou com escolarização incompleta.

Segundo Parecer 11/00 - CNE/CEB⁴, delinea-se a justificativa maior do projeto do PROEJA: proporcionar às pessoas excluídas do processo produtivo a oportunidade de resgate de seus direitos, através da leitura de mundo e de saberes tecnológicos que as conduzirão ao exercício de sua cidadania e de uma profissão. Esse princípio está atrelado ao preceito legal da Resolução CNE/CEB 04/99⁵, no seu parágrafo único do artigo primeiro que diz: “A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho e à tecnologia, objetiva garantir ao cidadão o direito ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva e social.”

³ BRASIL, Palácio do Planalto. Brasília. *Constituição da República Federativa do Brasil 1988*. São Paulo: DP&A, 2005.

⁴ BRASIL, Ministério da Educação. *Parecer 11 CEB/2000*. Brasília, 2000.

⁵ BRASIL, Ministério da Educação. *Resolução CEB N^o 4/99*. Disponível em <<http://www.cefetpr.br/diren/arquivos/legislacaobasica/legislacaotecnicoint/ceb0499.pdf>> Acesso em 8/03/09.

Dessa forma, pelo princípio da legalidade e do resgate social, o IF-SC deveria ofertar 10% das vagas oferecidas em 2005 para Cursos Técnicos na modalidade de Jovens e Adultos no âmbito do PROEJA. Assim, no ano letivo de 2006, disponibilizou para o curso vagas para 120 (cento e vinte) alunos, fazendo uso de sua longa experiência e tendo como premissa os cursos técnicos já ofertados pela instituição.

Foram traçadas as diretrizes para a elaboração do Projeto do PROEJA - a ser elaborado considerando as especificidades da modalidade de EJA -, sendo estabelecidos inicialmente os requisitos necessários para o ingresso. Assim, foi estabelecido que, para cursar o PROEJA, no então CEFET/SC, o candidato disputaria sua vaga por meio de sorteio, devendo antecipadamente comprovar a idade mínima de 21 anos, respeitando-se a regra da prioridade colocada no DCN para Educação de Jovens e Adultos, já ter concluído o Ensino Fundamental, mas não ter concluído o Ensino Médio.

O PROEJA é caracterizado como um curso técnico de nível médio. Assim, o IF-SC optou por oferecer o curso por módulos, ou fases semestrais, possibilitando ao aluno uma profissionalização, de acordo com o curso técnico escolhido: Edificações, Saneamento, Meio Ambiente, Meteorologia, Eletrônica, Eletrotécnica, Mecânica Industrial, Automobilística ou Informática e, muito recentemente, passou a oferecer o curso de Enfermagem. Nesse contexto, o CEFET/SC, agora IF-SC, propôs-se a:

ofertar uma Educação para Jovens e Adultos, baseada na construção do conhecimento, que aponte para a resolução de problemas, para a auto-aprendizagem, que insista na reflexão permanente sobre a prática de forma interdisciplinar e contextualizada. Oferecer a esses jovens e adultos uma oportunidade de articular as experiências da vida com os saberes escolares. Preparar cidadãos para a vida, com a

perspectiva de educação permanente. Qualificar e habilitar profissionais para acompanhar a evolução do conhecimento tecnológico e a aplicação de novos métodos e processos na prestação de bens e serviços, isto é, profissionais qualificados e empreendedores capazes de se inserir no processo produtivo dos diversos setores da economia de forma consciente, buscando, além da qualificação científico–tecnológica, a reciclagem de novos conhecimento e métodos (Documento norteador para a construção dos projetos. p.2)⁶.

Considerando seus objetivos, o IF-SC propôs-se a formar no PROEJA “cidadãos aptos a uma educação continuada, com competência para gerir habilidades e valores que transcendam os espaços formais da escolaridade na formação de cidadãos cômnicos de seu papel na sociedade” (idem p. 30). Além disso, pretende formar cidadãos comprometidos com a construção de “um mundo em que a violência ceda lugar ao diálogo e à cultura baseada na justiça”, conforme a Declaração de Hamburgo sobre EJA. Assim, segundo o mesmo documento, para a construção dos projetos, o aluno egresso do PROEJA do IF-SC deverá estar apto a uma releitura do mundo no qual está inserido para ser capaz de construir “conhecimentos, habilidades e valores que transcendam os espaços formais de escolaridade e o conduzam à realização de si mesmo e ao reconhecimento do outro como sujeito” (Parecer CNE/CEB n.º. 11/00).

Dentro desses princípios, o IF-SC entende estar cumprindo com o que se propôs, ao oportunizar a muitos jovens e adultos marginalizados social e economicamente o resgate de seus direitos, por meios dos saberes que os conduzirão ao exercício de sua cidadania e ao desenvolvimento de suas

⁶ Documento norteador para a construção dos projetos dos Cursos Técnicos na modalidade de Jovens e Adultos no âmbito do PROEJA do IFSC. Florianópolis: CEFET/SC, 2005.

aptidões para a vida produtiva e social. Entretanto, apesar da oferta da instituição e do empenho do grupo de docentes que tem se dedicado aos cursos de EJA, a evasão tem se configurado de forma bastante acentuada, um fato não previsto no momento de sua implantação e que precisa ser devidamente entendido pela comunidade do IF-SC, assim como também precisa ser entendida por essa comunidade a necessidade de expansão de oferta de cursos de EJA / PROEJA.

Dessa forma, fica aqui evidenciada a relevância da presente obra para divulgar a realidade desses sujeitos e suas implicações em relação à sua (não) atuação no curso para o qual se matriculam no IF-SC. Afinal, são jovens e adultos que estão alijados do processo formal de escolaridade e procuram a Escola em busca de qualificação. Eles retornam à escola pela dificuldade em manter-se num mercado de trabalho competitivo, em que cresce a busca pela qualificação até mesmo nas atividades de baixa renda mensal, ou objetivando melhorias profissionais. Precisam, portanto, pelo menos cursar o Ensino Médio para poder desenvolver o seu potencial, melhor integrar-se no mercado de trabalho e, acima de tudo, exercer a sua cidadania. Então, por que tanta relutância na oferta de mais cursos de EJA, e por que tantos alunos que conseguem reconquistar esse direito em seguida se evadem?

Afinal, quem são esses sujeitos?

A HISTÓRIA DE SIDNEI - O ALUNO

PRÓLOGO

Lembro-me de apenas três momentos ao lado de minha mãe:

- 1. No tanque de lavar roupas, no momento em que sente dores e corre para casa.*
- 2. Toda família na sala chorando. Adão, meu irmão, me pega no colo e vejo, no centro da sala, minha mãe dentro de um caixão.*
- 3. Este caixão sendo colocado dentro de um buraco.*

CAPÍTULO I: MINHA MÃE

Tinha 30 anos. Foi aí que fiquei sabendo realmente como foi a morte de mamãe. Durante toda a minha infância e adolescência, soube que ela morreu de problemas cardíacos, porém, aos dezoito anos, meu irmão mais velho disse que não foi exatamente assim. Disse também que ela sofrera muito. Mãe de oito crianças, e mulher de um homem analfabeto, alcoólatra e violento.

Família pobre, de Capinzal, meio-oeste catarinense; morávamos à beira do Rio do Peixe. Meu pai freqüentava os bares diariamente e, em um desses dias, envolveu-se em uma briga, que teve como resultado o assassinato de um homem. Como consequência, meu pai foi preso, julgado, e condenado a doze anos de prisão.



Da esquerda para direita: Itanei, Adão, Marli, Doraci, minha mãe grávida de mim, Janete, Iraci e Eva (1973).

Minha querida mamãe ficou sozinha, com seus sete filhos. Na época, o mais velho tinha 11 anos, outro, 10 anos, 09 anos, 07 anos, 05 anos, 03 anos e o mais novo, apenas 01 ano. Até aqui eu ainda não havia nascido.

Meu pai foi transferido para a Penitenciária de Florianópolis, o que dificultou ainda mais a vida de minha mãe. Mesmo assim, ela conseguia vir até Florianópolis para visitá-lo. Ele tinha o direito à “visita íntima”, e foi assim que mamãe concebeu “O Aluno”.

Imaginem a cena: marido preso, sete filhos e grávida de mais um...

Com muita dificuldade foi levando a vida... Minha irmã Eva diz que mamãe fazia as refeições em um fogão à lenha, em uma só panela. Sentava os filhos ao redor e os tratava até que não quisessem mais. Só aí então comia.

O tempo passou. Eu nasci. Em 11 de julho de 1973.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE SANTA CATARINA COMARCA DE CAPINZAL
MUNICÍPIO DE CAPINZAL DISTRITO DE CAPINZAL

REGISTRO CIVIL

Sandra Terezinha Favero Ciccomet - desig.
Oficial do Registro Civil

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

CERTIFICADO que, sob Nº 11.316 a fls. 128, de livro Nº A-18 de Registro de Nascimentos, encontra-se o assento de "SIDNEI DIAS DE OLIVEIRA"

nascido o a na Onça de Julho de mil novecentos e setenta e três (11.07.1973) às 11:00 horas, em seu domicílio, neste Distrito-----

do sexo masculino--- **M** de Alcides Dias de Oliveira, oporário e de Geasi Dias de Oliveira, doméstica, casados neste Cartório, residentes neste Distrito-----

seu avô paterno Sebastião Dias de Oliveira

e sua Ingridina Pereira da Silva- falecida

e mãe Sebastião Gonçalves

e sua Leontina da Silva Gonçalves- falecida

tendo sido declarado A mãe:

e testemunhas constantes do termo--

O assento foi feito em 18 de Julho de 1973.

Observação: Nada consta-----

O referido é verdade e dou fé.

CAPINZAL-SC, 28 de DEZEMBRO de 19 99.

Oficial do Registro Civil

Certidão de Nascimento de Sidnei Dias e Oliveira

Com o tempo, as dificuldades foram aumentando, e mamãe já não conseguia mais alimento para nós. Meu pai, um dia, mandou-lhe uma carta dizendo que havia conhecido outra mulher enquanto trabalhava na Colônia Penal Agrícola de Ponta das Canas, em Florianópolis, e que não iria mais voltar para ela.

Minha mãe sofreu durante dois anos essa perda. Depois desse tempo de sofrimento, conheceu um outro homem, e este começou a ajudá-la.

Dele engravidou...

Meus irmãos mais velhos, Adão e Eva, não aceitaram, ameaçaram-na dizendo que, se ela tivesse aquele filho, mandariam uma carta para o nosso pai, contando tudo a ele, e iriam embora para Florianópolis.

Com medo de perder seus filhos, mamãe chamou uma parteira amiga, que a havia ajudado em seus oito partos, contou-lhe a história e pediu para

ajudá-la a abortar. Ela ajudou, porém algo deu errado: o bebê morreu, mas não foi expelido do útero.

E só depois de dezoito dias é que ela, já passando mal, procurou um médico. Era tarde demais, estava com infecção generalizada.

Morreu aos poucos. Eva, minha irmã, diz que, antes de morrer, ela pediu ao meu avô que não nos entregasse ao nosso pai. Segundo Eva, que estava ao seu lado, em seu leito de morte, nesse momento foram estas as suas palavras: “Pai, por favor, não entregue meus filhos ao Alcides, pois se isso acontecer, eles vão comer o pão que o diabo amassou”. Mamãe sabia que iríamos sofrer muito, pediu a Eva que cuidasse de mim. Nessa época, eu tinha dois anos de idade.

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

ESTADO DE SANTO CATARINA

CIDADE DE CAPIZAL

MUNICÍPIO DE CAPIZAL

DISTRITO DE CAPIZAL

MUITO LUIZ ALBERTO BARROSA e OUTROS

Obitório de Gessi Dias de Oliveira ao Registro Civil

Certidão de Óbito

CERTIFICO que, em data de 31 de maio de 19 77, no Livro N.º C-03, f.º 227, sob o N.º 103, foi feito o Registro de Óbito de GESSI DIAS DE OLIVEIRA nascida em 26 de maio de 19 77, às 6 horas, neste dia, no Hospital São José, neste cidade, do sexo feminino, de cor branca, profissão doméstica, natural de neste estado, domiciliada e residente neste distrito.

Identificação: Carolina e G. Carolina Carolina Silva

tendo sido declarante Sebastião Gonçalves e o óbito atestado pelo Dr. Paulo Carlos Ribeiro dos Santos que deu como causa de morte infecção generalizada e o sepultamento foi feito no cemitério de Capinzal.

Observações: A família era casada com o falecido Gessi de Filipeiro, falecido em Florianópolis, em 1971, com 13 filhos, sendo 11 vivos e 2 mortos. A família é composta por 13 pessoas, sendo 10 vivos e 3 mortos. A família é composta por 13 pessoas, sendo 10 vivos e 3 mortos. A família é composta por 13 pessoas, sendo 10 vivos e 3 mortos.

O atestado e verificado e de MUITO LUIZ ALBERTO BARROSA Oficial do Registro Civil, TITULO, VOUCHEROS e ENCARGOS FAMILIARES

CAPIZAL, em 31 de maio de 19 77

Paulo Carlos Ribeiro dos Santos

Certidão de Óbito de Gessi Dias de Oliveira

Meu pai foi libertado da prisão para cuidar dos filhos. Foi até Capinzal, vendeu a nossa casa e nos trouxe para Florianópolis. O mesmo homem, analfabeto, alcoólatra e violento.

Meu avô não cumpriu a promessa que fez à Mamãe em seu leito de morte.

Aos poucos, meus irmãos foram sendo expulsos de casa, como animais. Algumas das meninas casaram e tiveram ajuda de seus maridos, outras viviam como objetos. Meus dois irmãos homens viveram suas adolescências na rua, no Abrigo de Menores... E eu..., bem, não foi muito diferente, um pouco na casa de uma irmã, um pouco na casa de outra, algumas vezes na casa da família de amigos, outras vezes na rua e em Abrigo de Menores. Lembro até hoje do “RPM” (Recolhimento Provisório de Menores), para onde eram levadas as crianças que eram encontradas à noite, e da Cebem, ali em frente ao Hospital Joana de Gusmão, na Agrônômica.

Bem, foi nesse contexto que se passou minha vida escolar. Com muito sacrifício, terminei a 5ª série e nunca mais tive a oportunidade de voltar à sala de aula.



Doraci Dias de Oliveira

“Lembro-me de quando eu e meu irmão Sidnei éramos pequenos e éramos obrigados por nosso pai a pescar três vezes por semana para ajudar no sustento da família.

Lembro-me de que éramos duas crianças indefesas. Nós tínhamos medo. Às vezes vinham outros garotos e roubavam nossa pesca, eles nos agrediam e também roubavam os utensílios que usávamos para pescar.

Lembro-me de que ficávamos alerta todo o tempo. Quando os víamos, nós rapidamente nos escondíamos; algumas vezes eles nos viam, corriam atrás de mim para me fazer mal. Eu corria muito e meu irmão Sidnei ficava triste, me procurando. Quando nos encontrávamos de novo, já estávamos sem a nossa pesca - que tínhamos passado a tarde inteira pescando. Aí tínhamos medo de nosso pai, porque sabíamos que íamos apanhar, por não trazer a pesca pra casa. Então sempre inventávamos que a maré não estava

boa. Mesmo assim nós apanhávamos.

Também me lembro de que éramos obrigados a ir à feira juntar coisas que os feirantes jogavam fora. Passávamos o dia inteiro juntando frutas. No final da feira, eu e meu irmão tínhamos que carregar um saco cheio de frutas e legumes, e era tão pesado, que tínhamos que levar o saco arrastando uns bons quilômetros até chegar em casa. Meu pai ficava sempre esperando, se nós não o trouxéssemos, ele nos batia com um fio de luz.”



Atualmente cursa o Ensino Fundamental (EJA) no Colégio Osvaldo Rodrigues Cabral, em Bela Vista, São José, SC.

“No nascimento do Sidnei, nós ficamos na varanda, esperando a cegonha. A parteira chegou com a mala. Quando a vi, disse:

- O bebê está na mala!

Logo depois ouvimos o choro do dele.

Quando estava grávida, não sabia como saía o bebê. A Jora (Eva) explicou-me como acontecia. No começo não acreditei, então disse ela:

- Tá aqui dentro, de um jeito ou de outro vai sair.

Meu irmão Itanei acordava às 6h da manhã para limpar caminhão no frigorífico, em Capinzal, para ganhar uns trocados para ajudar a mãe. Nessa época eu tinha 10 anos.

Minhas duas irmãs mais velhas saíam a pedir alimento nas casas. Na maioria das vezes chegavam tarde. Quando chegava perto do meio-dia, nós chorávamos de fome, só tínhamos polenta para comer e já estávamos enjoados de comer só isso. Mamã chorava conosco e dizia:

- Minhas formiguinhas, não chorem.

De repente, olhávamos pela janela e as avistávamos. Saíamos correndo e comíamos tudo o que podíamos.”



Adão Veronei Dias de Oliveira

“No dia da morte da nossa mãe, estávamos eu e meu irmão Itanei indo pescar com o objetivo de trazer algo para comermos no almoço. Quando estávamos saindo pela rua, minha irmã Eva gritou na janela que mamãe havia morrido.

Então, voltamos e ficamos esperando o carro da funerária trazê-la.

Usei toda minha força para não chorar. Até quando minha mãe chegou, no caixão, não chorei, porém quando vi o Sidnei na sala, correndo pra lá e pra cá, sem saber o que estava acontecendo, peguei-o no colo e o levantei para ver nossa mãe, no caixão, Ele a beijou e disse:

-Mamãe está dormindo.

Naquele momento chorei muito, por saber que meu irmão cresceria sem mãe.

Depois da morte dela, ficamos com nosso avô. Ele nos agredia por qualquer motivo, já estava cheio daquela situação. Então escrevi uma carta para o Diretor do Presídio de Florianópolis, Dr. Amorim, contando tudo a ele e pedindo que soltasse nosso pai para cuidar de nós.

O diretor atendeu ao meu pedido, comprou uma passagem para meu pai e disse a ele que nos buscasse em Capinzal. E ele foi. Em Capinzal, vendeu nossa casa e nos trouxe direto para o presídio.

Ficamos com ele, na cela, por 15 dias. Durante o dia, meu pai trabalhava fora, porém sempre nos trazia alimento nos horários certos e, à noite, dormia conosco.

Depois desses quinze dias, fomos levados para a Colônia Penal de Ponta das Canas, em Florianópolis. Moramos em uma casa durante dois anos, nesta época tínhamos fartura de alimento. Depois da Colônia Penal, fomos morar na Serrinha, Trindade.

Depois de cumprir sua pena, meu pai foi para esse bairro cuidar de um terreno que pertencia ao Sargento Lopes. Eva foi trabalhar e morar em casa de família no bairro Santa Mônica. Nena (Iraci) também foi trabalhar fora.

Eu saí de casa com 17 anos.”



Eva Juraci Dias de Oliveira
Cursa atualmente o Ensino Fundamental (EJA) no Colégio
Oswaldo Rodrigues Cabral em Bela Vista São José SC.

“Um certo dia, meu pai teve uma briga e, nesse dia, o pior aconteceu: ele acabou tirando a vida do melhor amigo. Foi nesse momento que as nossas vidas ficaram sem chão, ali começavam nossos sofrimentos. Meu pai foi preso.

Morávamos numa cidade pequena, éramos muito pobres e precisávamos da ajuda do nosso pai. Mas com ele preso, tudo ficou muito difícil, minha querida mãe tinha que suportar a dor de ficar longe do marido e criar seus 07 filhos, sozinha.

Com o passar do tempo, o juiz deu a regalia para que meu pai fosse livre de dia e dormisse à noite na prisão. Foi então que minha mãe ficou grávida do meu irmão mais novo. Ela ficou feliz e nós também, por termos mais um irmão, só não sabíamos que aquela alegria era por tão pouco tempo.

Um dia, depois do julgamento, em que meu pai pegou 12 anos de prisão, sem que a minha mãe esperasse, o juiz mandou chamá-la e falou

que meu pai iria ser transferido para a Penitenciária de Florianópolis. Foi a notícia mais triste que minha mãe recebeu. Lembro que ela chorava muito. Pegou seus 07 filhos e grávida de outro e implorou para que o juiz não mandasse meu pai para a Capital, mas nada adiantou, ele teve que partir.

Lembro que ele veio de ônibus com um policial chamado Leonardo. Nós viemos com ele até Campos Novos, onde morava meu avô. Na despedida, minha mãe chorava muito, nós também. Ficamos em Campos Novos e meu pai continuou a viagem para a Capital. Lembro que minha mãe disse:

- Quando o nosso filho nascer, eu o levarei para você conhecer.

E assim aconteceu. Era um amor muito forte da parte da minha mãe. Quando meu irmão nasceu, aos sete meses de vida, minha mãe cumpriu sua promessa. Não sei como, mas ela o trouxe para meu pai conhecê-lo, e os outros 07 também. Ela o amava muito. Ficamos 19 dias na Capital e depois voltamos para Capinzal.

Três anos se passaram e minha mãe nunca esqueceu meu pai. Nesses três anos, ela sempre chorava de saudade. Ela foi uma guerreira. Sem nenhuma renda, criou seus 08 filhos e não abandonou nenhum. Muitos fazendeiros, médicos pediam-nos, mas a resposta era sempre esta: “Nem que eu coma polenta com água doce, eles comerão comigo.” E isto aconteceu mesmo!

Passamos muitas dificuldades, tinha dias que ela chorava junto com seus filhos por não ter nada para oferecer-lhes. Passamos por muitas coisas, mas sempre juntos. Eu e minha irmã, que éramos as mais velhas, trabalhávamos em troca de comida. Muitas pessoas nos ajudavam, pois sabiam de nossa história.

Minha mãe sempre tinha esperança do pai sair da prisão, mas infelizmente o que ela esperou por três anos não aconteceu. Um dia, ele mandou uma carta por um ex-presidiário, dizendo assim: “Ica, pode arrumar um homem pra você, que eu já tenho outra mulher”.

Foi aí que vimos o seu mundo desabar. Ela chorava muito, não queria acreditar no que estava acontecendo. Achava que era uma mentira daquele homem que levou a carta, mas depois do choque ela conversou melhor com ele e pôde ver que ele estava falando a verdade e a carta era mesmo enviada pelo meu pai.

Passados alguns meses, com muita conversa dos seus familiares e amigos, ela decidiu arrumar um companheiro por um curto tempo. Pude ver voltar o seu sorriso.

Com o tempo, ela engravidou de novo. Sabíamos que não era filho do nosso pai. Ela chamou os dois mais velhos e contou que estava grávida. Foi um susto para nós. Ela perguntou com toda inocência se nós aceitávamos este irmão. Não pensamos. Dissemos que, se ela tivesse aquele filho, iríamos escrever uma carta para o nosso pai e iríamos embora com ele. Jamais pensamos que o ato de abortar um filho poderia tirar a vida de nossa mãezinha, que tanto amávamos. O que tínhamos na mente era o que ela nos contava: que era a parteira ou a cegonha que traziam o bebê na sacola. Isso era o que sabíamos e no que acreditávamos. Juro que, se soubéssemos como os bebês vinham ao mundo, jamais teríamos rejeitado aquela criança. Não poderíamos adivinhar os procedimentos de um aborto, nós nem sabíamos como nascia uma criança. Só fiquei sabendo quando me casei e minha sogra me contou, e mesmo assim não acreditei. Só fui ter a certeza quando tive a minha primeira filhinha.

Por amor aos seus filhos ela fez o aborto. Ela ficou por 19 dias no hospital. Durante todos esses dias fiquei com ela, tinha a certeza de que minha mãezinha iria terminar de criar seus 08 filhos. Jamais pensei na morte, ela sempre me dizia lá no hospital:

- Filha, a mãe está melhorando. Não vou deixar vocês, tenho que ir embora. Não posso deixar o Alcides pegar vocês, porque se ele os levar, vocês vão sofrer muito.

Quando ela começou a falar certas coisas, ela já sabia que tinha pouco tempo de vida, pois me chamou e mostrou seu corpo todo roxo. Era o seu sangue que estava gangrenando. Então ela não agüentou e me falou: “A mãe vai morrer. Chame teu avô.”

E assim eu fiz. Ela entregou todos os seus filhos para ele. Isso ocorreu por volta de umas oito horas da noite. Quando o dia amanheceu, às seis da manhã em ponto, ela veio a óbito.

Eu e minha tia Rosa ficamos com ela até o fim. E assim nossa “Pérola” partiu, deixando seus 08 tesouros, com ela mesma dizia. “MEUS FILHOS SÃO MINHA RIQUEZA E VIVO POR ELES !!! ”

Itanei, meu irmão, foi expulso de casa aos nove anos, porque não trabalhava. Ficou durante trinta dias no mato e, quando anoitecia, gritava, implorando para voltar para casa, porém meu pai não o aceitava.

O terreno que meu pai cuidava era em uma área de invasão. Além de cuidar, ainda pagava aluguel da casa onde morávamos.

Eu trabalhava na casa do dono do terreno para pagar o aluguel. Com o dinheiro que ganhei trabalhando, ajudei meu pai a comprar uma quitanda de madeira, que ficava localizada próximo ao colégio Padre Anchieta, na Agrônômica.

Compramos, desmontamos e a remontamos em um terreno que meu pai comprou atrás da Penitenciária de Florianópolis. Nessa época, o Sidnei tinha seis anos.

Casei-me com catorze anos e, depois de um ano engravidei. Quando estava quase ganhando o bebê, minha sogra me perguntou se eu sabia como o neném nascia. Disse a ela que era a cegonha que o trazia. Ela ficou impressionada com minha inocência e então me contou tudo sobre parto.

Minha irmã Janete (Jane), quando pequena, sofreu muito nas mãos de meu pai. Ele a pegava pelas pernas, levantava-a cerca de dois metros, soltava-a ao chão e dava gargalhadas.

Nessa época, eu já estava casada e a levei para morar comigo.

Sidnei também vivia jogado, sem pai nem mãe. Minhas outras irmãs, Doraci e Marli, também passaram maus bocados.”



Janete Dias de Oliveira
(ao colo, a filha Pâmela - hoje com 12 anos)

“Meu pai tinha o hábito de nos acordar à noite, quando chegava do trabalho. Na maioria das vezes chegava irritado. Em uma dessas noites, ele me acordou com muita raiva, me agrediu, gritou comigo e disse para que eu fosse embora para casa de minha irmã e nunca mais voltasse. Eu tinha 07 anos de idade.

Nunca entendi o porquê daquela atitude, nunca soube o porquê de tanta rejeição. Fui criada por minha irmã Eva, com 09 anos fui trabalhar em casa de família.”



Iraci Dias de Oliveira (Nena)

“Quando eu era criança, eu perdi minha mãe, foi uma coisa muito marcante na minha vida, mas, enfim, tinha meus irmãos e meu pai, com quem podia contar. Mas, quando cheguei em Florianópolis, o sonho que eu tinha desabou, pois mal sabia que meu pai tinha prometido ao Cabo Lopes uma de suas filhas para trabalhar em sua casa em troca de aluguel. Pois justamente essa menina era eu. Minha patroa me pegou várias vezes chorando de madrugada, de saudades de meus irmãos e da minha mãe. Mais tarde me casei. Foi outra decepção. A única coisa que valeu a pena foram meus filhos, que Deus me deu.”



Itanei Dias de Oliveira.

Foi assassinado em 1992, com 26 anos. Não sabemos por quem, nem o motivo. Foi enterrado como indigente.

Em tempo:

Meu pai encontra-se agora com 67 anos. Está muito debilitado. Em 2005 sofreu um AVC e, atualmente, conta com a ajuda direta de minhas irmãs Eva, Marli e Doraci, que moram próximas. Apesar do passado obscuro que ele nos fez passar, hoje conta com o perdão de todos.

Com muito trabalho consegui superar toda essa fase escura da minha vida. Casei-me aos 20 anos com Simone, o primeiro e grande amor de minha vida. Tenho quatro filhos maravilhosos e um grande sonho.

Literalmente UM SONHO!

Aos 31 anos, comecei a sonhar toda noite. Sempre o mesmo sonho: estava em uma sala de aula com todos os meus colegas de infância. E esse sonho se repetia dia após dia, noite após noite...

Certo dia, em uma manhã, minha esposa me deu a notícia de que um carro de som volante estava anunciando um curso de EJA. Ela me disse que estava pensando em voltar à sala de aula.

Naquele momento, eu percebi que aquilo era um sinal de que meu sonho estava para acontecer...

Foi um momento mágico!

Fomos até a Escola Luiz Cândido da Luz, na Vargem do Bom Jesus, pegamos todas as informações, ficamos sabendo inclusive que teríamos direito a lanche e transporte gratuito.

Com quatro filhos, o mais velho com 09 anos e o mais novo com um, começamos a planejar como seria, pois o curso exigia nossa presença todas as noites, das 19h às 22h. Como fazer?

Não tínhamos como pagar uma pessoa para cuidar deles, como fazer? Desistir? Nem pensar! Porém, parecia que um de nós teria que abrir mão daquela oportunidade...

Minha filha Melissa, de 09 anos, percebendo toda a nossa angústia, disse que queria nos ajudar. Parecia um anjo que nos falava. Então combinamos que em alguns dias da semana os levaríamos conosco, em outros, ela cuidaria

dos irmãos em casa. E foi assim: enquanto estudávamos, eles brincavam no pátio do colégio. Em um ano terminamos o Ensino Fundamental.

 PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Certificado

JOSÉ MANOEL CRUZ PEREIRA NUNES, *diretor da* **EDUCAÇÃO CONTINUADA**

certifica que **SIDNEI DIAS DE OLIVEIRA** filho (a) de **ALCIDES DIAS DE OLIVEIRA**

e de **GESSI DIAS DE OLIVEIRA** natural de **CAPINZAL**

Estado de **SC** nascido (a) em **11** de **JULHO** de **1973**

concluiu o Ensino Fundamental, tendo em vista o rendimento escolar demonstrado no desenvolvimento do Currículo, com aproveitamento e assiduidade, conforme preceitos a Legislação em vigor.

Florianópolis, **09** de **dezembro** de **2006**

 *Aluno*

 **José Manoel Cruz Pereira Nunes**
Diretor do Departamento de Educação Continuada
Florianópolis, SC

 **Regina Bittencourt de Aguiar**
Secretária Municipal de Educação
Florianópolis, SC

Director Registro nº *Secretária* Registro nº

Certificado de Conclusão do Ensino Fundamental



Da esquerda para direita: Richard, Simone, Vitor, Melissa, eu (Sidnei) e Larissa (2006).

Próximo ao final do curso, nossa professora de Matemática, Micheli, trouxe-nos um panfleto do então CEFET/SC, anunciando que estavam abertas as inscrições para o curso do PROEJA, onde poderíamos fazer o Ensino Médio e mais um Curso Técnico.

Fizemos a nossa inscrição.

Era grande a ansiedade em não saber se seríamos sorteados ou não, pois para esse curso era necessário passar por um sorteio depois de fazer a inscrição, cujas principais exigências eram já ter 21 anos e apresentar o certificado do Ensino Fundamental.

No dia e hora marcados, estávamos lá sentados no Ginásio de Esportes, ansiosamente aguardando. Uma coisa que me chamou a atenção era a exigência de que chegássemos até às 19 horas, os que chegassem atrasados não entrariam. Alguns chegaram atrasados e encontraram a porta fechada. Não puderam entrar...

Teve início o sorteio. Depois da apresentação dos membros que fariam o sorteio, chamaram dois voluntários da platéia para fiscalizar o processo. Fui o primeiro a me candidatar, depois outra jovem também se apresentou... Na platéia, havia 200 candidatos para 105 vagas.

Os próximos momentos foram para mim momentos de muita adrenalina. Todos os que eram sorteados faziam uma grande festa, com direito a torcida e tudo. Como todos os que se encontravam ali, eu também estava “doido” para ouvir chamarem o meu número, mas isso não acontecia. Já estava no centésimo sorteado, eu já estava perdendo a esperança. Nem eu, nem a minha esposa tínhamos sido sorteados.

Queria muito estudar nesta escola, mesmo tendo que vir todas as noites do Bairro Rio Vermelho, onde resido, passar 2h e 30min dentro do ônibus toda noite, sair do IF-SC de segunda à sexta às 22h e 15min. Chegar em casa às 11h e 30min, algumas vezes fazer este trajeto em pé dentro do ônibus... Todo este esforço valeria a pena, pois, além de ser o melhor colégio público aqui de Florianópolis, comparado com as melhores escolas particulares,

também tem o curso técnico a que teríamos direito.

Para mim, seria a realização de dois sonhos de uma só vez. Primeiro, completar o Ensino Médio com qualidade; segundo ter a oportunidade de fazer um curso profissionalizante!

Queria acabar com o sofrimento constante em que vivia. Já não agüentava mais a amargura que era para mim sempre que era perguntado nas lojas, bancos ou entrevistas de emprego “Qual o seu grau de escolaridade?” Antes a resposta era um pouco pior, “5ª série completa”; agora um pouco melhor, “8ª série completada”. Mas isso não era o suficiente. Percebia a discriminação no olhar das pessoas. Lembro-me até hoje de quantas oportunidades de emprego que perdi por isso. Na hora da entrevista parecia que tudo ia dar certo, porém quando perguntavam o grau de instrução, me sentia inferior. Dizia, e logo era dispensado.

Lembro-me também de uma ocasião em que fui ao Supermercado BIG tentar realizar o sonho de meu filho e da minha filha. Além de um sonho, era também uma necessidade: comprar uma bicicleta. Essa loja oferecia o melhor preço, R\$ 180,00, porém eu não tinha todo esse dinheiro. Soube então que eles faziam o cartão da loja na hora, o “Hipercard”, e que com esse cartão eles parcelavam em até dez vezes. Meus olhos brilharam diante da possibilidade, meus filhos davam pulos de alegria, meu rosto sorria alegre por ter a oportunidade de “fazer” a felicidade de meus filhos. Na loja, entreguei todos os documentos exigidos por eles, estava tudo certo, mas quando perguntaram meu grau de escolaridade e minha profissão, percebi de imediato a indiferença dos funcionários. Esperamos trinta minutos e... Nada... Quando a atendente retornou, disse:

- Sinto muito, seu cadastro não foi aprovado! Impotente, discriminado, incapaz... Naquele momento eu chorei...

Aqui no IF-SC teria a oportunidade de formação profissional na área que sempre sonhei – ELETRÔNICA, já que, desde os 19 anos, trabalho como auxiliar nessa área. Sou hoje um “técnico prático”. Precisava ser sorteado. PRECISAVA!

Eu estava cada vez mais ansioso, assim como minha colega que estava comigo representando todos os candidatos. Nessa altura, minha esposa, que estava sentada na platéia, estava de cabeça baixa, e de onde eu estava, dava a impressão de que ela estava chorando...

Foi nesse momento que gritou o meu número! Deus do céu! Pulei, gritei, sorri, abracei, chorei... Foi incrível o que estava sentindo. Estava feliz! Feliz! Mas aí me lembrei da Simone, minha esposa, e fiquei novamente ansioso por ela. Sortearam o 102º sorteado e nada; sortearam o 103º e, imaginem, era ela!

Quem a conhece pode imaginar o tamanho da comemoração, por um momento pensei que meu coração ia sair pela boca, mas não saiu.

Neste momento, pensei na minha colega que estava comigo na mesa, ajudando a fiscalizar o sorteio. Não foi desta vez, ela não foi sorteada. Era visível em sua fisionomia a tristeza, as lágrimas brotando em seus olhos traduziam seu sentimento de frustração, e assim sentiam-se todos os outros que não foram sorteados. Ao final, foram sorteadas mais trinta pessoas que ficariam na fila de espera. Caso houvesse desistências seriam então chamados.

Nossos colegas diziam que não conseguiríamos acompanhar o curso PROEJA do IF-SC, pois o curso que fizemos na EJA, o Ensino Fundamental, só dava ênfase à pesquisa; já no IF-SC seria conteúdo disciplinar.

Estávamos atrasados, tivemos poucas aulas disciplinares e começamos a nos preocupar.

Realmente, quando começaram as aulas é que percebemos que não seria nada fácil, principalmente nas disciplinas de Matemática e Física. Nunca havíamos estudado Física, não lembrávamos muita coisa de Matemática, pois no curso anterior tivemos pouca aula dessa disciplina.

Nossos novos professores, porém, foram maravilhosos. A Professora Elenita, de Matemática e o Professor Enes, de Física, faziam as duas disciplinas parecerem brincadeira de criança. Confesso que tive algumas dificuldades, mas nada que não fosse resolvido com algumas aulas de reforço.

Todos os nossos professores nos apoiavam. O Professor Rogério, de Geografia; a Professora Adriana, de Educação Física; a Professora Denise, de História; a Professora Telma, de Inglês; o professor Christian, de Artes, porém aquela que mais acreditava em nós era a nossa querida Professora Esterzinha, de Português. Essa foi a nossa Professora-Mãe. “Feliz do aluno que tem a oportunidade de ser seu aluno.”

Outra pessoa ímpar neste momento de nossa vida escolar foi o nosso Coordenador, o Professor Marival. Só depois de algum tempo é que compreendi de onde vinha tanta paciência, serenidade, compreensão, bondade e atenção. Somente um servo de Deus age dessa forma.

CAPÍTULO V: OS PRIMEIROS PASSOS NO PROEJA

Os primeiros dias de aula foram como todos os primeiros dias de aula, com exceção da fala dos professores: que avaliariam não só o conhecimento adquirido, mas, e principalmente, a participação, o envolvimento do aluno, a frequência, a força de vontade, enfim, aquilo que nos faz diferentes.

Até aqui, tudo era novidade, os conhecimentos adquiridos em Português, Geografia, História, Matemática, Física, Inglês, Artes até mesmo em Educação Física, por aprendermos a importância do alongamento, dos exercícios, da meditação e também pude reviver com meus colegas momentos esportivos, jogando Futsal, vôlei, basquete, essa era a melhor parte da aula.

Ainda no primeiro módulo, tive a oportunidade, junto com os meus colegas, de ir ao encontro da “COM LUTAS” em São Paulo. Conosco foi também o Professor Marival e o Professor Marcos Neves. Na viagem, tive a oportunidade de sentar ao lado do Professor Marcos Neves, que me deu uma aula sobre direitos e deveres do cidadão - a exploração por parte do empresário com o proletariado, a razão pela qual estávamos indo participar daquele encontro de trabalhadores, sem terra, negros, excluídos, enfim, todos do movimento de esquerda. O objetivo era dizer não ao PAC (Plano de Aceleração do Crescimento), criado nesse ano de 2007.

Tudo foi muito bom, além do passeio que fizemos, tivemos a oportunidade de conhecer um pedaço de São Paulo: o Ginásio e o Parque do Ibirapuera. Foi uma oportunidade de multiplicar o meu conhecimento.

Depois de assistir a todas as palestras dadas pelos movimentos naquele dia, fiquei um pouco empolgado. Todas aquelas pessoas falando de direitos sociais, inclusão social, política social... Estavam presentes até representantes do Haiti, porém o discurso que mais me emocionou foi o do Presidente

Nacional da “COM LUTAS”. Ele citou exemplos de lutadores pelos direitos humanos desde a colonização até os nossos dias. Citou o genocídio indígena pelos europeus, porém os índios não desistiram da luta e sobrevivem até os dias de hoje. Cada fala era encerrada com a seguinte frase: “...Isso nos demonstra que é preciso lutar e que é possível vencer...”

Essa frase ficou gravada em meu subconsciente. Decidi então ser um lutador pelos direitos humanos, que começaria a defender das injustiças aqueles que não têm coragem de se defender. Foi aí que começou uma nova fase em minha vida aqui no IF-SC.

No ano de 2006, estudei no Colégio Cândido da Luz, onde completei o Ensino Fundamental. Toda vez que um professor faltava, formava-se uma situação desagradável, a metade da turma ia embora, a outra ficava. Acabavam colocando uma outra disciplina no lugar da ausente. Às vezes ficávamos aguardando cerca de 30 minutos até a coordenadora resolver dispensar-nos. Aquilo para mim e meus colegas era muito desagradável.

Pois é, a “coisa” estava se repetindo aqui no IF-SC. Estava achando aquilo injusto para conosco. Empolgado pelo que aprendera no Encontro Nacional da “COM LUTAS”, levantei-me de minha carteira, em um desses momentos em que estávamos sem professor, para demonstrar toda minha indignação. Na sala estavam todos os alunos, o Coordenador do curso Marival e o Professor Rogério de Geografia. Disse, então, com voz de indignação. Nós estamos aqui para assistir à aula de Matemática, não de Geografia. Já perdemos trinta minutos de aula e a professora ainda não chegou. Penso que nesse caso deveríamos ser liberados, ou termos a liberdade de escolher em ficar ou não, sem a ameaça de “perder o conteúdo”.

Naquele momento, o Professor Rogério sentiu-se pouco à vontade de disse:

- Estou aqui para dar aula, para adiantar o nosso conteúdo, mas se vocês não quiserem, eu vou embora.

A maior parte da turma ficou em silêncio. Então eu disse:

- O problema é que estamos sendo obrigados a ficar, sob pena de perder conteúdo. Isso é pressão psicológica.

Nesse momento, dois colegas disseram:

- Sidnei, você está nos prejudicando!

Foi a mesma coisa que me dar uma bofetada, um tapa na cara. Naquele momento não pensei mais, entendi aquela fala como sendo de todos. (Talvez tenha sido aí o meu erro). Limitei-me então a ficar quieto e a assistir à aula, mas não me sentia o mesmo.

CAPÍTULO VI: UM MAU PERÍODO

Depois dos últimos acontecimentos, minha vida mudou. Passei a sentir-me excluído, minha alegria transformou-se em tristeza, não era mais a mesma coisa. Na sala de aula, parecíamos crianças do primário. Com a diferença de que elas esquecem rapidamente suas mágoas. Na minha consciência abriu-se uma ferida que parecia nunca cicatrizar. Voltei a sentir-me aquele garotinho, vivendo aquela fase tão escura, tão sofrida...

Nesse contexto, pensei em desistir de meu sonho, porém, não me deixei levar pelas circunstâncias, agarrei-me com todas as forças aos estudos, me distanciei dos colegas e me apeguei com todas as forças à minha esposa Simone. Acreditava ser ela a única pessoa em quem poderia confiar.

Acontece, porém, que ela tinha uma amizade muito intensa com todos da turma e acabou perdendo o controle diante da situação. Em vez de se concentrar nos estudos, unir-se a mim, começou a gaguear aulas e a freqüentar bares com os colegas da sala, beber, comer e divertir-se com eles. Começou, assim a deixar a família em segundo plano.

Uma noite, Simone chegou em casa às três horas da madrugada. Era o dia do meu aniversário. Neste dia, eu não havia ido à aula, fiquei em casa, preparei um jantar para comemorarmos o meu aniversário juntamente com nossos quatro filhos quando ela chegasse.

Esperamos por ela até às 23 horas. Então jantamos: eu e meus filhos, Melissa, de 11 anos; Richard, de 09; Larissa, de 04, e Vitor de 02. Cantaram “Parabéns para você”, porém Simone estava ausente. Não conseguia esconder a decepção e a tristeza que sentia naquele momento.

Naquela noite não dormi, fiquei aguardando sua chegada. Às duas horas, encostou um carro na frente da minha casa. Era Simone chegando. Disse-

me que havia ido com alguns colegas de sala ao Restaurante do Professor Maurício, em Itaguaçu.

Comecei a sentir que a Escola estava atrapalhando a nossa vida conjugal e comecei a pensar em desistir de estudar, desistir do SONHO.

Isso nunca havia acontecido antes, a Simone estava fazendo coisas que nunca fez em doze anos de casados.

Sentia-me excluído pela turma e, agora, por minha esposa.

Os dias passavam, mas as coisas não mudavam. Foi neste momento que tive uma idéia, decidi não desistir de estudar. Pensei que se conseguisse mudar de turma, as coisas poderiam melhorar. Novos colegas, novas idéias, um novo momento. Não pensei duas vezes, procurei o Coordenador Marival e fiz-lhe a solicitação. Ele achou estranha a minha decisão e perguntou-me se era por algum desentendimento na sala ou por causa do episódio em sala com o Professor Rogério.

Respondi-lhe que o motivo era pessoal. Disse-lhe que a nossa ida a São Paulo me deixou um pouco mais exigente. Antes eu tolerava certas injustiças; agora, não mais.

O Coordenador Marival, como sempre, entendeu minha situação e permitiu minha transferência da turma 132 para a turma 133. Nessa turma, eu só conhecia a Loreci e a Patrícia que, no ano de 2006, estudamos juntos no EJA, no Ensino Fundamental. Essa turma foi bem receptiva, mas quem mais apoiou e me ofereceu amizade foi o Fagner. Uma vez, no intervalo, percebendo que eu ficava a maior parte do tempo sozinho, perguntou-me:

- E aí, Sidnei, você conhece pouca gente? Não tem amigo?

Percebi, nessa hora, que ele, percebendo minha solidão, estava com essa pergunta oferecendo uma amizade sincera.

Passados alguns dias, estávamos tendo aula de Português. A professora estava estudando conosco um texto que tratava sobre o comportamento humano, especialmente sobre a importância de se conhecer as diferenças entre a psicologia masculina e a feminina.

Comentei então que “existem diferenças entre homens e mulheres, e penso que a maioria dos conflitos se dá por não conhecermos essas diferenças e assim pensamos que o nosso cônjuge deve agir e pensar como nós próprios. Pensamentos, palavras e atitudes. É assim que a maioria dos pais age com seus filhos. As mães, por exemplo, querem que suas filhas lavem a louça, e bem limpinha. Porém uma criança não tem a mesma experiência de um adulto, sendo assim, ela não vai conseguir fazer uma tarefa tal como um adulto. Outro ponto de vista é que os valores estão invertidos em nossa sociedade. A TV colabora para isso. Um exemplo é o filme que passou, baseado em Dom Casmurro, onde existe um triângulo amoroso. Isso incentiva nossas crianças e adolescentes a imitarem. A criança fala o que ouve e faz o que vê.”

Nesse momento fui atropelado pelo comentário de uma colega da sala que disse com tom de voz contrariada:

- É, meu chapa. Acho que você está no lugar errado!

Baixei, então, minha cabeça e fiquei triste novamente com aquele comentário tão pouco simpático. Em minha cabeça passou um filme de tudo o que já me havia acontecido na outra turma. Aquele sentimento de rejeição voltou.

Mas naquele momento existia um “anjo” na sala, que disse o seguinte:

-Minha querida, é muito importante que saibamos respeitar as diferenças. Não somos todos iguais, não pensamos da mesma forma...

Essas palavras da professora de Português me fizeram acreditar que existia alguma virtude em mim, que eu não era o joio no meio do trigo.

Fiquei muito feliz, e a partir dali, daquele simples comentário, minha vida escolar mudou, me apeguei ainda mais aos estudos. Não estava nada bem em Matemática e Física, no entanto não desisti. Passei a freqüentar todas as terças e quintas-feiras as aulas de reforço, das 17h e 30 min às 18h e 30 min e, em minha primeira prova de Física, já havia tirado “S”(Satisfatório). Na segunda, consegui tirar “P” (Proficiente) e na terceira, tirei “E”(Excelente).

Numa certa noite, na aula de Matemática e Física (os dois professores davam aulas juntos), ouvi a Professora Elenita e o Professor Maurício comentando sobre o meu bom desenvolvimento nas referidas disciplinas. Foi muito bom!

Da condição de aluno que sempre precisava de ajuda nos trabalhos, passei a ajudar meus colegas em suas dificuldades!



Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina

Unidade Florianópolis

Boletim Escolar

Curso	601	Curso Técnico de Nível Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
Grade	1	Grade Curricular 2006/1
Aluno	071601051-8	SIDNEI DIAS DE OLIVEIRA
Período	2007 / 1	Situação do Aluno no Período: Aliva
Módulo	1 Primeiro Módulo	Situação Final: Apto
		Freqüência: 93.55%
Unidades Curriculares		
Código	Nome	Turma Conceito Faltas Freqüência Origem Situação
ART60101	Artes	6010133 P 0 100.00% Normal Apto
FIS60101	Física	6010133 P 0 100.00% Normal Apto
GEO60101	Geografia	6010133 E 4 89.47% Normal Apto
HIS60101	História	6010133 E 4 88.89% Normal Apto
INF60101	Informática	6010133 E 0 100.00% Normal Apto
MAT60101	Matemática	6010133 P 0 100.00% Normal Apto
PD960101	Parte Diversificada II - Vida e Saúde	6010133 P 2 95.00% Normal Apto
POR60101	Português	6010133 P 8 89.19% Normal Apto
ING60101	Língua Estrangeira	IN1601B P 8 80.00% Normal Apto
Conceitos de aprovação: E (Excelente), P (Proficiente), S (Suficiente).		
Conceitos de reprovação: I (Insuficiente).		

Boletim da 1ª fase

Estava bem comigo mesmo, e o melhor, de bem com meus colegas de turma. Passei a enxergar além dos problemas. Percebi que tudo o que aconteceu de ruim comigo foi para que eu melhorasse como pessoa. Percebi

também que meus colegas da turma 102 não tinham culpa do que aconteceu comigo. Passei a olhá-los com carinho e compaixão, passei a cumprimentá-los nos corredores. Aqueles colegas que me criticaram, dizendo que eu estava prejudicando-os, hoje os tenho como grandes amigos. Jogamos vôlei e Futsal, no mesmo time.

Quanto ao Professor Rogério, tive a oportunidade de dizer a ele que meu comentário naquela oportunidade não era pessoal, e que se em seu lugar estivesse qualquer outro professor, certamente falaria a mesma coisa. A minha indignação se referia ao método que estava sendo adotado na falta de um professor. Também o tenho como um grande amigo, aliás, é difícil encontrar alguém que não goste dele.

Foi nesse contexto que terminei o Primeiro Módulo. Passei direto, não fiquei em dependência em nenhuma disciplina.

Aproveitei as férias do primeiro semestre com minha linda família e até recebi em minha casa a visita de alguns dos meus colegas de aula, o que serviu para fortalecer meu casamento e o lado familiar.

Foram nos visitar o Leandro e a Juliana. Preparamos, eu e a Simone, um jantar especial, eles trouxeram bombons. Todo nosso jantar foi preparado no fogão a lenha, com direito até a pinhão assado na chapa.

Foi muito bom, conversamos até altas horas, o legal é saber que a volta às aulas nos proporcionou conhecer novas pessoas como nós, sonhadoras, guerreiras, conscientes daquilo que buscamos.

Tivemos o prazer de receber o Jaime, sua esposa Indianara e sua filha. O Jaime é uma pessoa ímpar. Humilde, sincero, alegre, cúmplice. Durante as aulas levávamos intercaladamente nossos dois filhos menores: uma noite levávamos a Larissa (06 anos), outra, o Vítor (02 anos). Levávamos porque a Melissa (11 anos) não conseguia cuidar dos dois juntos, Nessas noites, o Jaime parecia um palhaço de circo quando os via. Brincava como se fosse contratado para isso. Estávamos esperando conhecer alguém assim para ser padrinho do Vítor, e quando os recebi em minha casa, não podia perder a oportunidade de lhe dizer tudo isso e fazer o convite. Foi em um almoço de domingo. Foi um prazer conhecer a Indianara e sua filhinha. Depois do almoço, levei-os para conhecer o mirante do Rio Vermelho e a Praia do Moçambique. Tivemos o privilégio de ver um casal de baleias com seu filhote nadando perto da praia.

Essas amizades conquistadas e o fato de recebê-las em minha casa fizeram com que minha relação com minha esposa fortalecesse. Nosso relacionamento conjugal foi melhorando e meu relacionamento com meus

filhos também.

Estava chegando o segundo semestre e estávamos com um dilema: eu estava na turma 133 e a Simone na turma 132. O que fazer? Ou eu voltaria para sua turma ou ela mudaria para a minha. Estava difícil a decisão. Depois de muito tempo e diálogo, entramos num consenso: mudaríamos os dois para a turma 231. E assim foi. Fomos bem recebidos pela turma. O professor Marival, nosso Coordenador, mais uma vez demonstrou sua capacidade humana de compreensão e permitiu mais uma vez minha transferência de turma. Dessa turma, eu só conhecia a Joseane, porém o colega que me recebeu na porta com “boas vindas” foi o Lyn. Este cara foi demais!

CAPÍTULO VIII: NOVO SEMESTRE, NOVOS DESAFIOS

Mais um semestre iniciou e com ele conteúdos novos. O que mais preocupava a todos, como sempre, era Física e Matemática. Tínhamos uma nova professora de Matemática, a Lisane, e de Física o professor Marcos Neves, além da nova disciplina Sociologia, com a professora Seomara e Química, com o professor Valdir,

Com as disciplinas de Física e Matemática aconteceu o mesmo do primeiro semestre, eu tinha dificuldades, comecei a frequentar as aulas de reforço de Matemática. Na primeira prova tirei um S (Suficiente). O conteúdo era trigonometria. Na segunda prova tirei P (Proficiente), e na terceira prova tirei E (Excelente). No começo pensei que não conseguiria, cheguei até a criticar a professora Lisane, inclusive fui conversar com o Coordenador, professor Marival, que é seu marido. Disse a ele:

- Não estamos conseguindo acompanhar o raciocínio da professora Lisane. Ela passa o conteúdo muito rápido, no final pergunta: “Ficou claro?” Porém não fica claro, por favor, converse com ela.

Na aula seguinte, tivemos a melhor aula do semestre. Disse a ela no final:

- Professora Lisane, hoje foi a melhor aula que você já nos deu. Compreendi tudo o que foi passado.

Ela sorriu.

Quero aproveitar este momento para lhes dar umas dicas. Às vezes, quando estamos tendo aula de Matemática, Física ou Química, parece que nosso cérebro vai explodir. Digo isso porque aconteceu comigo, cheguei até a ter dor de cabeça, porém depois que se compreende, tudo passa. Se você passar por esta situação, faça o seguinte:

- 1º Relaxe, inspire fundo e expire por dez vezes, saia da sala para fazer isso;
- 2º Faça um alongamento breve;
- 3º Tome água;
- 4º Converse com os colegas e pergunte se também estão tendo dificuldades (com certeza, alguns estarão);
- 5º Não faça críticas, desabafe sobre suas dificuldades, não existem culpados;
- 6º No dia seguinte, reúnam-se e conversem com a professora, contem a ela sobre suas dificuldades, peçam ajuda e dêem sugestões;
- 7º Participe das aulas de reforço!

Lembre-se da lei da atração, você atrai para você aquilo que você pensa e sente. Para os cristãos, eu digo as palavras de Paulo de Tarso: “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus.” “Em tudo dai graças a Deus.”

Outra matéria que eu tive bastante dificuldade foi Física, com o professor Marcos Neves. Não só eu, 90% da turma. Porém ele foi compreensivo, repetiu os conteúdos até a maioria compreendê-los. Confesso que foi tão difícil para mim que na prova final, antecipadamente, já esperava um conceito “I”. Lembro-me que na noite da prova, eu entrei na sala já prevendo ficar com dependência nessa disciplina. Muitos colegas comentavam o mesmo nos corredores.

O professor Neves entrou na sala, distribuiu os textos, introduziu cada questão e, após, começamos a prova. Eu sentei bem em frente ao professor. Neste momento não sabia o que estava prestes a acontecer. Somente depois da prova, no intervalo, é que fiquei sabendo que alguns colegas estavam passando uma cola entre eles. Fiquei sabendo pela Simone que, sem saber, sentou-se em frente deste grupo “colante”. Não sabíamos, porque esse grupo era da outra turma, já que o professor uniu as duas turmas para essa prova

final.

Durante a prova, o professor percebeu uma movimentação entre o grupo. Como a Simone estava à frente, deduzimos que ele pensou que ela estava ali para interferir na sua visão e não perceber a movimentação. Ele percebeu, porém, a movimentação e mudou de lugar, sentou-se em frente ao grupo e sua fisionomia alterou.

Conclusão, todos os que estavam naquele grupo “colante” passaram na prova final...

O problema dessas pessoas é que passam para a outra fase, porém não dominam o conteúdo. Quando chegarem ao curso técnico, vão ter muita dificuldade. Outro problema é que sempre precisam de ajuda, vivem lamentando, reclamando dos professores, copiando trabalhos dos colegas... Essas pessoas é que fazem crescer as estatísticas de vagas nas agências de emprego. Neste mês de abril de 2008, foi divulgado no Jornal do Almoço de Florianópolis (RBS) que havia 190 vagas em aberto, porém não existia, naquele momento, mão-de-obra especializada para preencher as vagas.

É por isso que se ouve falar que existem universitários recém-formados trabalhando na coleta de lixo em nossa capital.

Para eles, é mais cômodo copiar, colar, do que estudar 30 minutos por dia os conteúdos que têm dificuldade. E não adianta falar que não têm tempo, isso é conversa fiada! Você pode dividir esses trinta minutos por três tempos de dez. Pela manhã, à tarde e à noite. Ou no intervalo do almoço, no ônibus, nos finais de semana, aproveitar e estudar mais. Tire pelo menos um final de semana por mês para se dedicar aos estudos, àquelas disciplinas que tem mais dificuldades.

Não esqueça dos Reforços, e lembre-se de que o professor pode ajudar melhor do que qualquer colega. Ele é seu parceiro, amigo, está ali para ajudá-lo. Até por que a profissão de professor é escolhida mais por idealismo do

que profissão.

Para ser professor hoje em dia, é preciso ser um idealista, um romântico, é pensar em servir ao ser servido, é sonhar com um mundo onde as pessoas sejam conscientes de suas obrigações e direitos, que ajam com responsabilidade, cumpram com seus deveres e conheçam tudo que têm direito como cidadãos, que aprendam as diversas formas de conhecimento...

Bom, o fato é que fiz minha prova imaginando que tiraria conceito “I” (Insuficiente), porém, durante a prova, senti que estava fácil, até comentei, mas não tinha certeza. Mesmo assim, terminei de fazê-la, respondi aquilo que achava ser a resposta correta.

Na semana seguinte, em uma quarta-feira, era o dia da entrega da prova, estava eu no meu trabalho, eram 19 horas, Simone me ligou, perguntando-me se eu não iria buscar o resultado de minha prova. Respondi que estava trabalhando (adiantando o serviço) e já sabia o resultado e que teria que refazer em uma recuperação. Ela desligou o telefone.

Ao terminar o meu trabalho, fui até o colégio. Cheguei na sala e o professor estava comentando a prova e corrigindo-a. Pedi minha prova e quando olhei não acreditei, meu conceito era “P” (Proficiente). Passei direto!!!

Mais uma vez provei a mim mesmo que sou capaz, fiquei muito contente comigo mesmo. Fui até a lanchonete e pedi um cheese egge e uma Coca-Cola para comemorar.

Um fato muito bom que aconteceu foi nossa ida a Porto Alegre, os alunos foram levados a conhecerem o Museu de Tecnologia da PUC. Foi um grupo de alunos do segundo módulo e outro grupo do terceiro. Conosco foram o professor José Roque e a professora Adriana.

Saímos às 23 horas de sexta-feira, no ônibus do IF-SC. Barulho geral! O Jaime, o Leandro e o João Batista nem dormiram, amanheceram bebendo e cantando com o rádio ligado.

Chegamos às 7h e 30 min em Porto Alegre e o museu abria somente às 9 horas. Ficamos então comendo, conversando, conhecendo a faculdade e tirando fotos.

Finalmente, quando o museu abriu, entramos. Fiquei impressionado, nunca havia visto nada igual!

Eles têm espaço onde se pode ver, através de um microscópio, um espermatozóide e sua evolução, desde o princípio da fecundação até um bebê de nove meses, pronto para nascer. Tudo “ao vivo” e em cores.

Existe um outro espaço que mostra uma cirurgia do coração, troca de válvula cardíaca, colocação de ponte de safena, e muito mais.

É possível ver e participar de experiências científicas diversas, tais como: uma parábola onde se fala alguma coisa a 100 metros de outra parábola e é possível ouvir palavra por palavra, enfim, foi muito enriquecedor esse passeio.

No decorrer do segundo semestre acontecem as palestras para conhecimento dos cursos técnicos existentes no IF-SC. Serve para dar informações aos alunos sobre os cursos para ajudá-los a decidirem qual curso escolher. Normalmente, os maiores “vilões” para os alunos são os cursos que exigem mais conhecimento em Física e Matemática.

Na palestra sobre o Curso Técnico em Meteorologia, o professor introduziu sua exposição, dizendo que esse é um curso que exige muita Física e Matemática. Conclusão: muitas mulheres que queriam fazer esse curso, depois dessa fala, ninguém mais optou por ele.

Tive a oportunidade de conhecer o professor Coordenador do Curso Técnico de Eletrônica. Comentei um pouco sobre meu perfil profissional, pois desde cedo trabalho nesse ramo. Ele me disse que eu tenho as características adequadas de um aluno para este curso e que existe uma grande possibilidade para eu me dar bem. Até então eu tinha dúvidas quanto às dificuldades que iria encontrar para concluí-lo. Pensava que talvez não conseguisse, porém, depois dessa conversa não tive mais dúvidas, nem receio. Fiz minha inscrição, optando por Eletrônica como primeira e segunda opção.

O semestre transcorreu de forma bem tranqüila, as dificuldades em Matemática desapareceram, as aulas de Física já não me pareciam tão complicadas. Tivemos também aulas de Química e de Biologia, que para uns era complicado, para mim fluía normalmente, já não sentia “medo” dos conteúdos. Valeu a pena ter persistido, suportado os maus momentos e vencido as dificuldades. Valeu a pena não ter desistido, como tantos fizeram.



Curso	601	Curso Técnico de Nível Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
Grade	2	Grade Curricular 2007/1
Aluno	071801051-8	SIDNEI DIAS DE OLIVEIRA
Período	2007 / 2	Situação do Aluno no Período: Ativa
Módulo	2 Segundo Módulo	Situação Final: Apto
		Freqüência: 89.13%

Unidades Curriculares

Código	Nome	Turma	Conceito	Faltas	Freqüência	Origem	Situação
BIO60102	Biologia	6010231	P	4	90.00%	Normal	Apto
FSC60102	Física	6010231	P	2	94.44%	Normal	Apto
GEO60102	Geografia	6010231	E	0	100.00%	Normal	Apto
HIS60102	História	6010231	P	4	77.78%	Normal	Apto
MTM60102	Matemática	6010231	P	2	96.77%	Normal	Apto
PDI60102	Parte Diversificada II	6010231	E	4	90.00%	Normal	Apto
POR60102	Português	6010231	P	6	89.66%	Normal	Apto
QMC60102	Química	6010231	P	2	95.00%	Normal	Apto
SOC60102	Sociologia	6010231	P	8	66.67%	Normal	Apto
ING60102	Inglês	IN01	E	8	80.00%	Normal	Apto

Conceitos de aprovação: E (Excelente), P (Proficiente), S (Suficiente).

Conceitos de reprovação: I (Insuficiente).

Boletim da 2ª fase

Por ocasião do sorteio para o PROEJA, além dos 105 sorteados, ficaram na lista de espera, caso houvesse desistências, mais 30 pessoas. Houve desistências, sim, e todos os 30 foram chamados. Conclusão: passaram pelo curso do PROEJA, cujo início se deu em fevereiro de 2007, 135 alunos. Entretanto, no mês de maio de 2008, permaneciam no terceiro semestre do curso apenas 40 alunos, cursando o terceiro módulo, ou seja, o número de desistentes chegava a 95, o que equivale a 70%. Uma pena!

O terceiro semestre começou com uma grande perda para mim, Simone foi reprovada em três matérias. Com isso, teria que repetir o segundo semestre. A regra diz que o aluno só passa para a fase seguinte se tiver, no máximo, duas pendências.

Foi uma grande decepção. Se eu fiquei triste, imagine ela! Pensou em desistir, porém foi reanimando aos poucos e não desistiu.

Outra surpresa foi que das três turmas, agora só teríamos duas. A coordenação manteve duas turmas e dividiu a terceira, metade dos alunos foi para turma 332 e outra para turma 331. Eu, porém, que era da turma 231, fui transferido para 332. Portanto, na sala tinha a turma 232 completa, a metade da turma 233 e eu, da turma 231.

No começo foi difícil, tive que me ressocializar com aquele grupo. Os momentos de debates em sala eram os mais difíceis, quando eu falava minha opinião sobre o assunto abordado, quase sempre conflitava com a opinião de alguns, principalmente das garotas. Por isso fui conversar com o Coordenador, que neste semestre já não era mais o professor Marival. Agora era o Christian, professor de Artes.

Perguntei a ele por que eu tinha sido o único transferido de minha turma? Ele disse que foi o sistema que o fez automaticamente. Pedi a ele para que eu pudesse voltar à turma 331, mas ele disse não ser possível. Conversei com o líder de minha turma para que conversasse com ele. Foram meus colegas todos juntos, porém meu pedido não foi aceito. A solução foi então aceitar aquela situação e prosseguir com meu objetivo que, para mim, estava acima de tudo, e nada poderia me desviar dele.

Tínhamos agora novos professores em Física, Matemática, Química,

Filosofia, História, Geografia, Português e Espanhol, aliás, o único professor que permaneceu conosco foi Paulo Sérgio, de Biologia, por sinal, um grande Professor. Ensinou-nos tudo sobre sistemas, todas as suas aulas eram de aplicação prática para nosso cotidiano.

Nesta fase, todas as disciplinas estavam transcorrendo com tranqüilidade. Uniu-se o conhecimento adquirido com os novos métodos de ensino dos novos professores, e tudo fluía bem. Nem a Matemática e a Física nos assustavam mais.

Quando chegou o momento de escolhermos os cursos técnicos, não tive dúvidas. Confirmei ELETRÔNICA, como primeira e segunda opção. Já não existem mais dúvidas, estou certo de que serei um bom técnico!

O semestre foi bem tranqüilo mesmo, tanto que, em momento algum, precisei de aulas de reforço.

Pena que não acontecia o mesmo para alguns colegas, houve, inclusive, algumas desistências. Diziam:

-Não adianta mais, já sei que vou ficar com pendência. Se preciso for, repetirei o semestre, não tenho nada a perder.

Eu os ajudava com esmero, mas, mesmo assim, quando chegava o momento da prova, eles diziam que dava “um branco” e não conseguiam resolvê-la. Mesmo freqüentando aulas de reforço, alguns não conseguiam se sair bem. Cheguei à conclusão que esses colegas provavelmente têm problemas mais sérios. Por mais que tentassem, não conseguiam, ou custava a “cair a ficha”.

Em uma dessas noites de aula, saí às 22h e 15 min com uma colega que me parecia estar triste. Perguntei a ela o porquê daquele desânimo. Ela disse-me que estava decepcionada com algumas “colegas”. Suas palavras foram:

-Sidnei, só agora percebo a indiferença e o pessimismo dessas minhas colegas. Elas ficam observando os defeitos e deslizes dos outros, ficam criticando tudo e todos, inclusive, e foi essa uma das razões de eu ter me afastado delas.

Uma de nossas colegas desistiu do curso, e elas disseram: “Já foi tarde!” Chamaram-na de burra... Não consigo mais conviver com esse tipo de sentimento. Não desejo mal para elas, só vou me afastar um pouco, “sair do quadro”.

Depois de alguns dias, outra colega veio até mim e começou a falar as mesmas coisas. Disse, inclusive, que eu era um dos alvos dessas pessoas.

O que mais me entristeceu é que essa colega já havia escolhido o curso técnico, o mesmo dessas “colegas”, e estava pensando em pedir transferência de curso, pois não tinha condições psicológicas de estudar ao lado delas.

Nesse momento, passou um filme em minha mente. Relembrei dos momentos difíceis que passei no primeiro semestre. Disse, então, a ela que eu já havia passado por uma situação parecida. Ela perguntou-me:

- E aí, Sidnei, o que você fez para contornar a situação?

Pensei por um momento... O que falar a ela? Afinal, a situação dela era mais difícil do que foi a minha. Ela estava prestes a desistir do curso técnico que havia escolhido com tanto carinho, demorou quase três semestres para decidir por esse curso, e agora, por causa da soberba de algumas “colegas”, iria mudar o rumo de sua história aqui no IF-SC?

Eu sabia como ela estava se sentindo. Vivi na pele o que ela estava vivendo. Por fim, não poderia dar-lhe outra resposta, e disse a ela:

- Mudei de turma!

Ela sorriu e foi direto para a sala do Coordenador do Curso.

Dias depois, perguntei a ela se havia decidido o que fazer. Ela respondeu, sorrindo:

- Mudei de Curso!

Foi neste semestre que comecei a escrever meu livro. Lembrei-me de que, no primeiro semestre, a professora Esterzinha havia lançado a idéia de formar um livro com textos das três turmas do PROEJA. Ela disse que cada aluno poderia escrever sua experiência resumidamente e, assim, formava-se um livro de relatos pessoais.

Naquele momento já pensei em escrever um livro, porém só meu, a minha história! A idéia da professora não vingou naquele momento, mas... um ano depois, lá estava eu escrevendo sobre minha experiência aqui no IF-SC.

Enquanto escrevia, imaginava como seria o livro, imaginava o seu lançamento, me via em um coquetel autografando muitos livros. Muitas pessoas comentando, elogiando... A imprensa reproduzindo este evento, pessoas lendo e tirando lições de vida a partir de seu conteúdo... Pessoas melhorando seu rendimento escolar, não desistindo dos estudos, perseverando, melhorando como pessoas, enfim, sonhando alto, motivadas pelo MEU LIVRO!...

Quando terminei de escrever sobre o primeiro trimestre, decidi falar com a Professora Esterzinha. Planejei o que falar a ela, a ideia era a seguinte: iria perguntar-lhe se havia algum aluno escrevendo um livro sobre sua experiência no PROEJA. Se não, diria que agora tinha um. E entregaria a ela os meus manuscritos, para que os lesse e desse o seu parecer. Queria que fosse sincera comigo. Diria a ela que, se achasse que era uma boa história, eu continuaria escrevendo. Se não, desistiria.

E foi que aconteceu. Passados alguns dias, a encontrei e fui correndo saber sua opinião.

Ela disse:

-Sidnei, muito boa a sua história. Já estou digitando e formatando seu livro.

Fiquei muito emocionado. Daquele momento em diante não parei mais de escrever.

A segunda pessoa que ficou sabendo do meu livro foi o professor Christian. Mostrei-o a ele com o propósito de conseguir seu apoio, talvez a gráfica do IF-SC o imprimisse.

Estava um pouco afoito. Ele, porém, disse-me que era para ter paciência, aguardar o término do semestre, pois a gráfica estava com muito serviço e não poderia parar tudo para me atender. Disse que, se tudo desse certo, e o livro realmente saísse, iria ver da possibilidade de conseguir uma verba com a Escola para fazer o coquetel. Reservaria o auditório para receber os convidados e chamaria a imprensa da Escola para divulgar meu livro no jornal do IF-SC.

Ouvindo essas palavras, percebi que já estava acontecendo aquilo que tanto esperava. E só o fato de ouvi-lo já me fez sorrir com esperança.

Estou feliz, mas não consigo me desligar do sentimento daqueles que, mais uma vez na vida, tiveram que deixar seus sonhos de lado. Sou aluno do PROEJA, conheço bem a realidade das pessoas que acabaram desistindo do curso e de seu sonho. Sei como vivem, sei das suas dificuldades e cito aqui alguns exemplos que vi.

No primeiro módulo, presenciei a agonia de muitos colegas que trabalhavam fora o dia todo, saíam de casa às 6 horas e só voltavam depois das 23h e 30min, quase à meia-noite. Outros trabalhavam de terça a domingo; mulheres que trabalhavam o dia todo, depois vinham estudar aqui à noite e, quando chegavam em casa, ainda tinham os afazeres do lar e o cuidado dos filhos. Outros estavam desempregados e não tinham dinheiro para pagar o transporte até a escola. Alguns desistiram porque só conseguiram trabalho à noite, no horário do curso; outros não tinham dinheiro para lanche, vinham direto do trabalho... Sem falar nas dificuldades em acompanhar devido ao pouco estudo que tiveram anteriormente. Essa gente não suportou tantas dificuldades!

Existia um colega da turma que morava na Costa da Lagoa. O último barco que o levava até em casa saía da Lagoa às 22h e 30 min. Como a última aula terminava nesse mesmo horário, toda noite ele tinha que sair cedo para não perder a condução. Somavam-se a isso as dificuldades que tinha em Física e Matemática. E mais, trabalhava o dia todo, até as 18 horas, na Lagoa, de sorte que já chegava atrasado diariamente. Frequentar as aulas de reforço, nem pensar!

Para muitos, esse sofrimento foi um pouco amenizado no segundo módulo, quando tivemos direito a “vale-lanche”, no valor de R\$ 36,00 por

mês, além do vale-transporte. Neste momento, porém, já havia um elevado índice de desistência. Os que ainda freqüentavam receberam esse benefício até o fim do semestre.

Para mim, foi uma boa ajuda, visto que minha principal fonte de renda advém de pequenos trabalhos como autônomo. Sou técnico em eletrônica (prático), fiz alguns cursos rápidos e, dessa forma, vinha sustentando minha família há treze anos.

Numa certa manhã, quando estava trabalhando e ouvindo rádio, escutei um anúncio de que precisavam de um técnico em eletrônica com experiência para trabalhar em uma Loja de Eletrônica. Trabalhei durante dez anos em uma Eletrônica dessas e só saí porque a empresa havia sido vendida. Não tinha carteira assinada, recebia por comissão. Desde 2004 estava sem trabalho fixo. Então liguei para me candidatar àquela vaga. Fui bem atendido e foi marcada uma entrevista para o dia seguinte.

Chegando lá, falei de minha experiência para o cargo que eles estavam oferecendo: conserto de TV e DVD. Comecei a trabalhar em regime de experiência e estou lá até hoje.

Esse emprego proporcionou a mim e à minha família melhor estilo de vida. Hoje comemos melhor, durante muito tempo não comprava uma caixa de leite “Longa Vida”, só leite em saquinho, que era mais barato, e um só por dia. Hoje percebo a alegria de meus filhos quando compro um brinquedo para eles, coisas simples, mas de grande valor sentimental. Tenho orgulho de poder dar uma “mesada” à minha filha Melissa, que tanto me ajuda, cuidando dos irmãos para que eu e minha esposa possamos estudar. Não é muito, mas o pouco dado com amor é o suficiente. Hoje temos a oportunidade de passear uma vez por mês, passar um final de semana na casa de familiares.

Depois que voltei à sala de aula, as portas foram se abrindo, as oportunidades foram surgindo e eu as fui agarrando com toda minha força. Agora, mais consciente e responsável, com maior clareza e precisão, me apeguei aos livros de Eletrônica, me tornei autodidata, comecei a navegar na internet, em busca de mais conhecimento na minha área de trabalho, e as coisas melhoram dia após dia.

Muitos de meus colegas não tiveram a mesma sorte, ou persistência, que eu. Eu lamento por isso.

Julgo importante ressaltar que o final do semestre foi bem tumultuado, tinha um trabalho acadêmico de Português para entregar, uma apresentação em power point para disciplina de Física e mais um trabalho de História para entregar e apresentar. Foi um pouco corrido, mas, graças aos meus esforços e à paciência dos professores, deu tudo certo. Terminei o semestre satisfeito, mais uma vez fui aprovado em todas as disciplinas, sem pendência.



Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina
Unidade Florianópolis

Boletim Escolar

Curso	601	Curso Técnico de Nível Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
Grade	2	Grade Curricular 2007/1
Aluno	071601051-8	SIDNEI DIAS DE OLIVEIRA
Período	2008 / 1	Situação do Aluno no Período: Ativa
Módulo	3 Terceiro Módulo	Situação Final: Apto Freqüência: 90.15%

Unidades Curriculares							
Código	Nome	Turma	Conceito	Faltas	Freqüência	Origem	Situação
BI060103	Biologia	6010332	P	2	95.00%	Normal	Apto
ESP00103	Espanhol	6010332	P	2	94.44%	Normal	Apto
FIL60103	Filosofia	6010332	E	8	80.00%	Normal	Apto
FSC60103	Física	6010332	P	2	95.00%	Normal	Apto
GE060103	Geografia	6010332	E	4	90.00%	Normal	Apto
HIS60103	História	6010332	E	5	86.84%	Normal	Apto
MTM60103	Matemática	6010332	E	8	86.21%	Normal	Apto
PD60103	Parte Diversificada III	6010332	P	4	80.00%	Normal	Apto
POR60103	Português	6010332	E	0	100.00%	Normal	Apto
QMC60103	Química	6010332	P	4	90.00%	Normal	Apto

Conceitos de aprovação: E (Excelente), P (Proficiente), S (Suficiente).

Conceitos de reprovação: I (Insuficiente).

Boletim da 3º fase.

Depoimento de um colega do curso:

“O Curso do PROEJA, do IF-SC não é apenas um curso de Ensino Médio para Jovens e Adultos. É um grande incentivo para podermos continuar estudando e não desistirmos dos nossos sonhos (...).

Antes de cursar o PROEJA aqui no IF-SC, estudei em seis escolas públicas diferentes, presenciei alunos mal educados, que desrespeitavam os professores; professores que desrespeitavam os alunos e não tinham paciência de repassar os conteúdos.

Aqui no IF-SC é diferente, os professores e os alunos se respeitam. (...) Estou feliz porque, agora que acabamos a primeira parte desse curso, temos o direito a fazer o curso técnico que escolhemos. Me sinto vitorioso, porque tenho essa grande chance de crescer como cidadão e profissionalmente.

Aqueles que desistiram do curso e querem voltar que voltem, porém tragam consigo força de vontade e determinação, para que um dia tenham aquilo que sempre sonharam ter... Educação.

(Fagner da Fonseca, concluiu as três fases da formação geral e seguiu para o Técnico de Eletrônica).

Hoje tenho um norte na vida. Ficou para trás aquele menino que foi gerado numa cela de penitenciária, que foi criado sem pai nem mãe, que parecia não ter futuro. Também ficou para trás aquele “aluno” cheio de dúvidas, de incertezas. Elas já não existem mais. Os estudos me ajudaram muito. Percebo mudanças em mim e creio que essas mudanças são visíveis por todos que me conhecem. O PROEJA fez de mim um ser humano melhor, na vida conjugal, paternal, social física e moral.

Sinto-me como uma pedra bruta, que durante três semestres foi lapidada pelas mãos de mestres, doutores da arte do saber. Sinto-me como ouro bruto que, ao ser jogado ao fogo, purifica-se, queima todas as impurezas e sai jóia rara.

Assim como eu, todos os meus colegas, formandos de 2008, percebem as diferenças do antes e o depois do IF-SC.

Agora posso dizer, como participante da história desta instituição, aquela frase que tanto leio em Outdoors, vejo na TV, ouço no rádio:

“O conhecimento transforma a vida das pessoas”.

O conhecimento transformou minha vida, aprendi a dar aos meus queridos Professores o respeito que eles merecem.

Aprendi que o respeito é um valioso pré-requisito para uma boa amizade.

Sinto-me como um olho d’água, que jorra um fio deste valioso líquido e alimenta um Rio de Esperanças.

Sinto-me como um pequeno “olho do Saber”, que jorra um fio de Matemática, Física, Química, Biologia, Informática, Português, História, Sociologia, Filosofia, Geografia, Artes, Inglês, Espanhol, Educação Física...

Um fio destas valiosas disciplinas que alimentam um mundo de

esperanças.

- A Matemática e a Física ajudaram-me no trabalho (Eletrônica).
- A História e a Geografia deram-me um Norte neste Planeta.
- A Biologia e Educação Física ensinaram-me a respeitar essa máquina humana que sou.

- A Filosofia e a Sociologia deram-me um sentido na vida e para a vida.

- O Inglês e o Espanhol deram-me inclusão social.
- A Artes e a Informática tornaram-me culto e atualizado.
- A Química deu-me acesso ao Átomo.
- O Português me proporcionou o acesso a todas essas disciplinas.

Hoje, os princípios éticos e os valores morais fazem parte do meu cotidiano.

Valeu a pena passar pela “Selva do Saber”,

“Lutar” contra o “Leão” da incerteza,

A “Anaconda” da dúvida,

O “Crocodilo” do desânimo,

O “Elefante” das dificuldades,

Atravessar o “Rio” do reforço,

Para chegar ao “Édem do Conhecimento”.

Agora tenho razões para me orgulhar. Graças a Deus e... à minha filha Melissa.

Vislumbro, em um futuro muito próximo, a seguinte situação:

- Como é o seu nome?
- Sidnei Dias de Oliveira.
- Idade?
- 36 anos.

- Estado civil?
- Casado.
- Grau de escolaridade.
- Ensino médio completo.
- Sua Profissão?
- Sou Técnico em Eletrônica, formado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.”

Eu não me deixei levar pela vida. Segurei firmemente as rédeas do destino, tracei a rota e conduzi, eu mesmo, a minha vida. E VOCÊ?

OS SUJEITOS DA EJA: VÍTIMAS OU HERÓIS?

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil demonstra que as políticas educacionais de EJA sempre compreenderam, ao longo da história, um conjunto muito diverso de atividades marcadas por discontinuidades e políticas públicas insuficientes, pautadas em muitas contradições e conflitos entre desenvolvimento, populismo e trabalhismo, que se tornaram a tônica das relações sociais, políticas e culturais. No dizer de Amélia Hamze, professora da FEB/CETEC, “especialmente no século XX, as principais características das ações do governo, em relação à Educação de Jovens e Adultos foram políticas assistencialistas, populistas e compensatórias” (HAMZE, 2009)⁷.

Numa perspectiva ampliada, a EJA abarca tanto a alfabetização e a educação básica, quanto as atividades voltadas para a profissionalização – sempre em paralelo ao ensino regular –, conforme Ventura (2001)⁸, destinada aos subalternos da sociedade, ou seja, à classe trabalhadora, uma imensa maioria que foi e ainda é excluída desta estrutura dual, aprofundando o caráter classista da sociedade brasileira.

⁷ HAMZE, Amélia. *A Educação de Jovens e Adultos no contexto contemporâneo*. Colunista Brasil Escola. Disponível em <<http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/a-educacao-jovens-adultos.htm>>, acesso em 02/04/09.

⁸ VENTURA, J. P. *O PLANFOR e a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores: a subalternidade reiterada*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2001.

Em decorrência desse processo histórico, a Educação de Jovens e Adultos constitui atualmente uma modalidade específica de educação básica que se propõe atender a um público ao qual foi negado o direito à educação, durante a infância e/ou adolescência, seja pela oferta irregular de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis, e se define pelas características e especificidades dos sujeitos aos quais ela se destina. É por isso que a Educação de Jovens e Adultos assume características bem definidas, com alunos com baixa autoestima, por vezes dificuldade de aprendizagem, pouca participação e muitos atrasos ou faltas, que não representam necessariamente sinais de falta de interesse.

As especificidades do público de EJA são assim definidas por Oliveira (1999)⁹:

Ele é geralmente o imigrante que chega às grandes metrópoles, proveniente de áreas rurais empobrecidas, filhos de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito freqüentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência de trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas áreas do ensino supletivo (OLIVEIRA, 1999: 59).

Essa realidade, por acaso não estaria estampada na história de Sidnei? Como se pode constatar na sua história, e também na análise de Oliveira

⁹ OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. Trabalho apresentado na XXII Reunião da ANPED, Caxambu, setembro de 1999.

(1999:60), ele é caracterizado como “um excluído da escola”, e refletir sobre sua trajetória e como esses jovens e adultos aprendem envolve “transitar pelo menos em três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de ‘não-crianças’, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais”.

Assim como aconteceu - e acontece - com Sidnei, a maior parte dos jovens e adultos tem dificuldades de conciliar suas trajetórias de vida com as trajetórias escolares. Costuma haver incompatibilidade entre a rotina imposta pela sobrevivência e a rígida lógica em que se estrutura o nosso sistema escolar. O que se vê é que, ao voltar para a escola,

as trajetórias de vida dos jovens e adultos não se tornam mais fáceis; ao contrário, vêm se tornando mais imprevisíveis e incontroláveis para os próprios jovens e adultos, até para os adolescentes que são forçados a freqüentar o ensino noturno. Os índices de abandono na EJA, dos que tentam se escolarizar, ainda que com tímidas flexibilizações, refletem que nem com um estilo escolar mais flexível eles e elas conseguem articular suas trajetórias escolares. Os impasses estão postos. Como equacionar o direito à educação dos jovens e adultos populares e o dever do Estado? (ARROYO, 2005: 46)¹⁰.

Nesse contexto, também é importante salientar que as teorias do desenvolvimento, na área da psicologia, pouco exploram os processos de

¹⁰ ARROYO, Miguel Gonzalez. Educação de Jovens - Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L. (Org.) *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. São Paulo: Autêntica, 2005.

construção de conhecimento e de aprendizagem dos adultos. No dizer de Palácios (1995:312)¹¹, “o que determina o nível de competência cognitiva das pessoas mais velhas não é tanto a idade em si mesma, quanto uma série de fatores de natureza diversa.” Segundo o autor, destacam-se entre esses fatores “o nível de estudo, o nível educativo e cultural, a experiência profissional e o tônus vital da pessoa (sua motivação, seu bem-estar psicológico...)” assim, o autor apresenta esse conjunto de fatores e não a idade cronológica que determina boa parte das probabilidades de êxito que as pessoas apresentam.

Apesar dos poucos estudos sobre a psicologia do adulto, Oliveira (1999) ressalta a psicologia e a condição cognitiva do adulto atrelada fortemente aos fatores culturais, uma vez que:

O adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas [...] essas peculiaridades da etapa da vida em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação à criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem (OLIVEIRA, 1999:60).

¹¹ PALACIOS, Jesus. O desenvolvimento após a adolescência. In: COLL, C.; PALACIO J.; MARCHESI, A. (Orgs.) *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Nesse sentido, o problema da Educação de Jovens e Adultos remete-nos para o foco da sua especificidade cultural, sendo por isso necessário historicizar seus sujeitos, para que possam ser tratados e compreendidos a partir de sua história, caso contrário, estaremos lidando com personagens abstratos, levando-os à nova possibilidade de fracasso escolar, evasão, repetência e, conseqüentemente, remetendo-os novamente à condição de excluídos da escola e cerceando mais uma vez seu direito à educação, à cidadania, ao trabalho e à ascensão social.

É preciso considerar também a diversidade da condição do aluno da EJA, conforme Andrade (2004:52)¹², atendendo às dimensões do seu desenvolvimento, acompanhando e facilitando seu projeto de vida, desenvolvendo o seu sentido de pertencimento. Ainda, segundo a autora, é essencial, para isso, “que os processos de formação de professores procurem conhecer as diferentes formas de atendimento da EJA, seus sujeitos, cotidianos e, fundamentalmente, pensar as possibilidades de um dia-a-dia mais promissor para todos aqueles que se encontram nessa modalidade educativa, muitas vezes, a última chance de escolarização”.

Para se ter uma idéia da condição dos sujeitos da EJA no Brasil e o processo de exclusão, pode-se pensar nas questões raciais (as desigualdades raciais são também desigualdades sociais), na população prisional do país (são mais de 230 mil pessoas, desses 2/3 não completaram o ensino fundamental e cerca de 12% não analfabetos) e a população das áreas rurais (18% da população brasileira). Segundo a PNAD de 2001/IBGE¹³, enquanto

¹² ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os sujeitos educandos na EJA. In: BARBOSA, Inês O.; PAIVA, Jane (Org.). *Educação de Jovens e adultos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

¹³ *A Evolução da Alfabetização de Jovens e Adultos e o Programa Brasil Alfabetizado*. Disponível em <www.forumeja.org.br/df/files/distritofederal.pdf>, acesso em 02/04/09.

a população urbana tem em média sete anos de estudo, a população rural tem três ou quatro anos em média. Os índices de analfabetismo também estão bastante acima da média nacional, que é de 13,6%, conforme IBGE, Censo 2000. Segundo dados do PNAD, 29,8% da população adulta (15 anos ou mais), da zona rural é analfabeta, enquanto na zona urbana essa taxa é de 10,3%; no Nordeste, temos ainda um índice de 42,7% em 2000 (FURTADO, 2002)¹⁴.

Quanto à população da zona rural, é importante ver os sujeitos além da condição escolar, pois o trabalho, por exemplo, tem papel fundamental na vida dessas pessoas, particularmente, por sua condição social. Para essa população, o trabalho está geralmente acima de quaisquer interesses e, por outro lado, pais sem instrução têm dificuldade de perceber a importância da formação escolar para a inserção nas redes sociais.

Deve-se, por outro lado, procurar entender o que a escola representa na vida desses sujeitos, bem como entender o que esses sujeitos, na condição de alunos, vêm tentando demonstrar, explícita ou implicitamente, seja pela exclusão, pelo abandono, pela desistência, pela dificuldade de permanência, seja pelas formas com que organizam suas necessidades e anseios.

Nesse contexto, é importante pensar como atender com eficiência esses sujeitos a partir do tipo de organização de tempos, espaços e conteúdos educacionais, assim como transformar o espaço do Ensino Médio, do PROEJA de forma a funcionar como uma instituição de fato envolvida

¹⁴ FURTADO, Eliane Dayse Pontes. *Estudo sobre a educação para a população rural no Brasil*. Disponível em <www.unesco.cl/médios/biblioteca/documentos/estúdio_educacion_poblacion_rural_Brasil.pdf?menu+esp/biblio/docdig/> Acesso em 10/08/08.

com esses sujeitos e inserida nas redes sociais de apoio e inclusão.

Freire (1983)¹⁵ analisa a relação educador/educando pela característica de uma educação “dissertadora” ou “bancária” marcada pela palavra e não por sua força transformadora, em que o educador é o sujeito/depositante (o que sabe, o que pensa) e o educando um objeto/depositário (os que não sabem, os pensados), uma educação que, na verdade, serve aos opressores, cujo objetivo “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, e isto (sic) para que, melhor, adaptando-os a esta (sic) situação, melhor os dominem” (FREIRE, 1983:60).

Segundo esse mesmo autor (id), na educação de jovens e adultos, por exemplo, não interessa a esta “visão bancária” propor aos educandos o desvelamento do mundo porque “pensar autenticamente é perigoso”. Nessa perspectiva, propõe uma educação libertadora, problematizadora, com autenticidade do pensar, superando a contradição entre educador e educandos, ambos sujeitos do processo, não dentro de uma estrutura que os transforma em “seres para o outro”, mas integrar-se a ela para transformá-la, para que possam fazer-se “seres para si [...] homens com o mundo e com os outros e não homens simplesmente no mundo” (FREIRE, 1983:61, 62). Portanto, a concepção “bancária” que nega a dialogicidade e a tomada de consciência do mundo como essência da educação é contraditória e excludente.

Quem trabalha nos meios educacionais, especialmente com educação de adultos, sabe que ainda são muitos os aspectos existentes que contribuem para que esses alunos, que já foram uma ou mais vezes excluídos do processo

¹⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

escolar, recaiam novamente nessa condição. As ações desencontradas dentro das próprias instituições só reforçam os estigmas que colocam a EJA numa condição inferior em relação ao sistema “regular” de ensino. A visão do educando de EJA como um indivíduo pouco capaz e a atenção precária dada a esse tipo de curso, sem a visibilidade da importância social e humana que a escola representa para esses sujeitos, ainda é latente nas instituições de ensino.

Dentro de uma perspectiva de trabalho que leva em conta as contradições que fazem com que se abram brechas na armadura do Estado e dos sistemas econômicos e políticos, Martins (1997:14)¹⁶ diz que, rigorosamente falando, “não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes.” Segundo esse mesmo autor, é preciso “compreender o modo de vivenciar o que se está chamando de exclusão [...] exclusão é apenas um momento da percepção que cada um de nós pode ter daquilo que concretamente se traduz em privação” (de emprego, de bem-estar, de direitos, de liberdade, de esperança), isso é o que ele chama de pobreza, e reforça:

Mudando o nome de pobreza para exclusão, podemos estar escamoteando o fato de que a pobreza hoje, mais do que mudar de nome, mudou de forma, de âmbito e de conseqüências. Estamos longe do tempo em que pobre era quem não tinha o que comer. [...] A privação hoje é mais do que privação econômica. Há nela, portanto certa dimensão moral. A velha pobreza oferecia ao pobre a perspectiva da

¹⁶ MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

ascensão social, com base em pequenas economias feitas à custa de duras privações, ou por meio da escolarização e do estudo dos filhos e netos, quando possível. [...] Hoje ela cai sobre o destino dos pobres como uma condenação irremediável (MARTINS, 1997:21).

Esse autor considera que a idéia de exclusão é pobre e insuficiente e que nos leva a discutir o que não está acontecendo e deixamos de discutir “as formas pobres, insuficientes e às vezes, até indecentes de inclusão.” Para ele, a sociedade capitalista exclui para incluir de outro modo, pois na verdade as pessoas não são excluídas, elas são incluídas em outra categoria, em outro grupo, o que ele denomina de “nova desigualdade”, que separa materialmente, mas unifica ideologicamente, com oportunidades completamente desiguais. Nessa nova desigualdade citada pelo autor, tem-se, de um lado, o operariado e a burguesia que, de certa forma, são revolucionários; de outro lado, têm-se novas categorias sociais, que na sua visão:

(...) geradas pela exclusão, degradam o ser humano, retiram-lhe o que lhe é historicamente próprio – a preeminência da construção do gênero humano, do homem livre no reino de justiça e igualdade. Recobrem e anulam o potencial de transformação das classes sociais e, por isso tendem para a direita contrária, para o conformismo, para o comportamento anticivilizado e reacionário da reoligarquização do poder, do renascimento dos privilégios de alguns, como contrapartida das privações de muitos (MARTINS, 1997:22).

Nesse contexto, e no desenho do perfil do sujeito de EJA, o que se espera, hoje, é que a EJA se apresente como uma prática política de superação da desigualdade social, de participação de seus direitos na

vida social, incluindo o envolvimento destes na luta pela afirmação de seus próprios direitos, portanto, que ela possua uma dimensão política tal que o indivíduo tome a história em suas próprias mãos a fim de mudar o rumo da mesma.

EJA... É A SOLUÇÃO?

Como se vê, infelizmente, a EJA constitui-se como uma necessidade! E está destinada a sujeitos específicos, caracterizados pela experiência da exclusão social que vem marcando a história brasileira no que se refere às possibilidades de educação escolar. Indicadores apontam que um grande número de jovens e adultos excluídos do direito à educação são aqueles que dele se evadiram em consequência das tensas relações entre as trajetórias escolares e suas trajetórias de vida, como se constata na narrativa de Sidnei.

E a evasão caracteriza-se como um componente do fracasso escolar, num espaço que, ao longo da história, vem servindo à manutenção do modelo dominante e reproduzindo ideias sobre as classes populares, permeadas por preconceitos e estereótipos sociais que vinculam a origem do aluno com dificuldade de escolarizar-se, relacionando as deficiências do indivíduo como a principal causa desse fracasso.

Nossa instituição, na condição de escola, assim como qualquer outra instituição social, é marcada por contradições, interesses e confrontos e, nesse processo, implícita ou explicitamente, traz sempre uma ideologia de aceitação de valores em que prevalece o “individualismo, a competitividade e a falta de solidariedade, de igualdade formal de oportunidades e a desigualdade ‘natural’ de resultados em função de capacidades e esforços individuais” (GOMES, 2000:16)¹⁷. Dessa forma, a responsabilidade pela

¹⁷ GOMES, Perez A. I. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, J. Gimeno e GOMES A. I. . *Compreender e transformar o ensino*. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000

aquisição (ou não) dos saberes costuma recair sobre o próprio aluno, o que concorre para justificar as desigualdades no processo de aprendizagem, na divisão do trabalho e na hierarquia da organização social.

A idéia equivocada de que “a escola oferece igualdade de oportunidades para todos e, portanto, cada um vai alcançar aquilo que sua capacidade pessoal permitir”, não considera as diferenças de origem, a visão de mundo de cada um em sua forma de ver, de sentir, de conhecer, de agir, e isso, segundo Gomes (2000:16), é que “vai minando progressivamente as possibilidades dos mais desfavorecidos social e economicamente, [...] desde os primeiros momentos de aprendizagem escolar”, e que, na visão do mesmo autor, acaba por construir lentamente um processo de classificação e exclusão, no qual os excluídos acabam por acatar essa arbitrariedade sociocultural como algo natural e inevitável.

Na verdade, a escola vem se constituindo, ao longo da História, como um espaço vinculado à condição social de origem, ou seja, a serviço das classes dominantes,

contribuindo para produzir e reproduzir uma homogeneidade cultural relacionada com a divisão do trabalho (homogeneidade de crenças religiosas, das regras jurídico-administrativas, definição cultural escrita das elites, e depois de outras classes sociais, homogeneidade de cultura científica etc.) e parcialmente determinada pelos conflitos sociais e pelas relações de dominação (PETITAT, 1994:200)¹⁸.

¹⁸ PETITAT, André. *Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio-econômica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

De acordo com o mesmo autor, esses grupos dominantes - que falam em nome de toda a sociedade - passaram a desempenhar um papel fundamental na orientação das instituições escolares, na seleção de seus conteúdos e de suas práticas. Dessa forma, os destinos dos alunos passaram a ser diferenciados, marcados pelas diferentes origens sociais e pelo fracasso escolar.

Atualmente, a ideia de democratização do ensino, de que todos devem ter acesso à educação, à instrução, para serem livres, independente da origem, crença ou raça, ainda encontra resistência entre aqueles que se sentem ameaçados em seu poder ou privilégios e “ainda pensam, mesmo que não o digam, que à maioria dos indivíduos basta saber ‘só o necessário’ para integrar-se ao mundo do trabalho, votar corretamente, viver sadicamente e criar seus filhos” (PERRENOUD, 2000:29)¹⁹.

Uma corrente renovadora de estudiosos, porém, vem demonstrando grande preocupação com a democratização da educação e, conseqüentemente, com o fracasso escolar. Arroyo (1997)²⁰, por exemplo, ao analisar essa questão, aponta três hipóteses para o fracasso escolar. A primeira hipótese consiste na própria “cultura do fracasso escolar”, que vai legitimando as práticas educativas, rotulando fracassos, trabalhando preconceitos, privilegiando conteúdos e habilidades, e a reprovação passa a fazer parte da prática, cumprindo seu papel de excluir. A segunda hipótese apontada pelo autor recai na “cultura da exclusão”, que está materializada na estrutura do sistema escolar, cuja organização do processo de ensino se dá de acordo com a visão

¹⁹ PERRENOUD, Phillipi. *Pedagogia diferenciada: das intenções à ação*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

²⁰ ARROYO, Miguel Gonzalez. Fracasso-Sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICZ, Anete e MOLL, Jaqueline. *Para além do fracasso escolar*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997.

dos profissionais da educação ocupantes de uma “posição social” diferente da dos alunos. Como terceira hipótese, o autor aponta o fracasso escolar como inseparável do direito à educação básica a um processo disciplinar e seriado de ensino-aprendizagem.

Observa-se que o fracasso escolar ainda tem sido concebido nos meios educacionais como fracasso do aluno, e isso tem se constituído num dos maiores obstáculos de democratização das oportunidades de acesso e permanência de muitos indivíduos nas instituições escolares. Nesses meios, o problema da reprovação constitui-se num fator progressivo de evasão e consequente exclusão. Perversamente, o fracasso fica situado “fora da escola” e, assim, segundo Koch (2001:32)²¹, perpetua-se o estigma do aluno reprovado como “aquele que apresenta problemas de comportamento ou tem dificuldade para acompanhar a aprendizagem”.

Dentro do contexto das práticas pedagógicas, a avaliação escolar, como vem sendo concebida tradicionalmente, é outro componente que ocupa um lugar de relevância na questão da evasão escolar, “já que, mediante essas práticas, em primeiro lugar, coloca-se em jogo, o destino dos escolares” (HADJI, 2001:2)²², contribuindo para materializar o desânimo e as frustrações de um processo escolar fracassado, interferindo na autoestima e no conceito que o aluno faz de si mesmo, já que o fracasso do momento presente o considera incompetente para o trabalho intelectual.

Uma atitude reflexiva sobre essa questão, entretanto, permite admitir

²¹ KOCH, Zenir Maria; HANFI, Beatriz B. Collere; BARBOSA, Raquel. Classes de Aceleração: “Pedagogia da exclusão ou inclusão?”. *Ponto de Vista. Revista da Educação e Processos Inclusivos*. Florianópolis: UFSC, NUP: CED, 2001.

²² HADJI, Charles. *Avaliação desmistificada*. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

que o fracasso e a evasão escolar não estão localizados exatamente no aluno, “mas nas instituições escolares que têm sido incapazes de lidar com os segmentos da população a que elas se destinam. Fracassamos todos nós, os que ensinam, os que são ensinados e todos os demais integrantes desta sociedade”(CARVALHO, 1997:24)²³.

Uma das abordagens que Rego (1998)²⁴ apresenta sobre a questão do fracasso escolar está pautada na combinação de dois fatores: internos e externos. O primeiro compreende a abordagem *inatista* - pela qual as características básicas de cada ser humano estariam definidas desde o nascimento, o que limita o papel da educação, já que o desempenho individual vai depender das capacidades individuais inatas. O segundo é a abordagem *ambientalista* - em que as causas das dificuldades do aluno são atribuídas ao universo social, como a pobreza, a desnutrição, a composição familiar, ao ambiente em que vive.

Nessa abordagem apresentada pelo autor, a escola isenta-se, ainda que de forma não exclusiva, da responsabilidade do fracasso escolar (ou sucesso). De qualquer forma, porém, o que se percebe é que a evasão escolar está praticamente destinada à população pertencente às classes menos favorecidas, cabendo às escolas adotar posições de envolvimento e respeito às peculiaridades de vivência socioculturais de seus educandos.

²³ CARVALHO, José Sérgio da Fonseca de. As noções de erro e fracasso no contexto escola: algumas considerações preliminares. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). *Erro e Fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Sumus, 1997.

²⁴ REGO, Tereza Cristina R. Educação, cultura e desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as diferenças individuais. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.) *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Sumus, 1998.

Assim sendo, ao falar em evasão escolar, é preciso que não se atribua ao termo seu significado de uma forma simplista e banalizada, relacionando seu uso à ideia genérica e subjacente ao termo evasão encontrado nos dicionários: “evadir, fuga, escapada”, o que remete ao aluno que se evadiu, que abandonou, que se escapou da escola ou do curso. Mais adequadamente, talvez, seria usar o termo *evasão escolar* como **o abandono do aluno pela escola**.

Muitos têm sido os fatores atribuídos como causa da evasão escolar em nossas instituições brasileiras, tais como, o desânimo dos alunos diante das ‘dificuldades’ de aprendizagem e das sucessivas repetências, porém muitos outros problemas podem estar associados a essa questão, como o fazer pedagógico, os conteúdos ensinados, as normas de avaliação, as interações professor-aluno, os compromissos extra-escolares, sobretudo quando ligados ao problema da exclusão social, como já foi mencionado.

Patto (1999)²⁵ reforça a ideia da interrelação repetência / evasão escolar. Para o autor, quem repete o ano fracassa porque não aprendeu o que deveria no tempo proposto. E quem fracassa acaba se evadindo porque perde a possibilidade de aprender no tempo determinado. Para se compreender o termo evasão escolar, é preciso que primeiro compreendam-se os motivos da evasão. O aluno que abandona os estudos não significa necessariamente que tenha desistido de aprender ou de estudar, pois a prática tem apontado inúmeros alunos que se evadem e retornam em diferentes tempos e lugar.

²⁵ PATTO, Maria Helena de Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

Dessa forma, segundo Brandão et al (1985)²⁶, a questão da evasão escolar precisa passar pelo estágio de compreensão crítica de sua prática, isto é, o conhecimento de sua clientela dominante e sua forma de possibilitar o conhecimento no processo escolar. Dessa forma, a escola poderá refletir sobre o seu fazer de forma articulada com os interesses populares para poder buscar um novo fazer.

Trazendo essas considerações para o contexto em questão, pode-se afirmar que o número acentuado de evasão escolar no nosso país reflete-se na crescente procura de jovens e adultos pelos cursos de EJA. Esse reflexo na educação manifesta-se como conseqüência dos sérios problemas educacionais, mas em geral tem origem social e nem sempre podem ser resolvidos no âmbito do espaço escolar com oferta de EJA.

O empobrecimento crescente da população tem levado, cada vez mais cedo, um grande número de jovens ao mundo do trabalho. Esse fato, num dado momento, apresenta-se como um dos fortes fatores que obrigam o aluno, particularmente no Ensino Médio, a trocar o ambiente escolar pelo emprego como forma de sobrevivência - em geral na forma de subemprego. Por outro lado, em outro momento, esse mesmo fato faz com que esse jovem retorne à escola à procura de qualificação visando à ascensão social, vindo em seguida a se evadir novamente dos estudos por problemas de conciliação entre estudo e trabalho. As dificuldades sociais e profissionais dificultam sua freqüência regular e seu desempenho, fazendo com que esse círculo se repita.

²⁶ BRANDÃO, Zaia. (Org.). *Democratização do ensino: meta ou mito?* 2. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1985.

Essa tem sido uma constante nos cursos de EJA e, apesar dos limites impostos pela condição de uma classe social desfavorecida, alguns ainda conseguem resistir ao processo de uma nova exclusão, diferentemente da maioria.

Dentro desse contexto, analisando a luta por educação nos movimentos populares que reivindicam a expansão do ensino de “segundo grau”, Sposito (1993: 105)²⁷ ressalta o desejo manifesto desses movimentos de que não basta a “garantia de acesso ao ensino de primeiro grau, é preciso conquistar a continuidade e, mais que isso, o direito de volta ao estudo às populações excluídas da escola pública”. Ressaltamos aqui a necessidade de complementar as idéias da autora, alertando para a necessidade de que esse espaço repercuta em maiores oportunidades, não só de acesso, mas, e sobretudo, de permanência do aluno na escola.

As estatísticas demonstram que, especialmente, o aluno menos favorecido economicamente é penalizado tanto pelo fracasso escolar, como pela dificuldade de permanecer no estudo, sendo este último, talvez, o maior entrave na busca pela ampliação dos níveis de escolaridade de nossos jovens e adultos nos cursos de EJA.

Segundo informações no Boletim da Ação Educativa da Assessoria, Pesquisa e Informação do MEC, publicado em março de 2004²⁸, na oportunidade, a Comissão de Alfabetização indicava algumas diretrizes, entre as quais sugeria a adoção de critérios que assegurassem a permanência

²⁷ SPOSITO, Marília Pontes. *A alusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo: Hucitec, 1993.

²⁸ INFORMAÇÃO EM REDE. Boletim de publicação mensal da Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação do MEC. São Paulo, março de 2004. Ano VIII, nº 63.

dos educandos de EJA, de forma a assegurar a continuidade dos estudos e seriam necessárias ações de Políticas Públicas como aquela para fazer frente aos desafios da educação permanente, tornando mais homogêneas as oportunidades numa sociedade que comporta realidades tão desiguais para extensas parcelas da população brasileira.

Finalmente, considerando a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos, apontamos como essencial para se delinear e se constituir uma política e/ou prática educacional que possibilite algum sucesso no processo educativo da EJA, que sejam “valorizados” os seguintes itens: as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias desse alunado e, sobretudo, que seja aplicado o Princípio da Diferença²⁹, ou seja, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores.

PROEJA - O ALUNO aí está para justificar tais necessidades. Ele representa um grito de socorro em nome de todos os jovens e adultos, personagens que configuram no cenário de nosso país comandado por um sistema político que, como se vê, ao longo dos anos, tem se mantido alheio às reais necessidades e anseios de seu povo.

²⁹ BRASIL, Ministério da Educação. *Parecer 11 CEB/2000*. DCN. Brasília, 2000.



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SANTA CATARINA - IF-SC
CAMPUS DE FLORIANÓPOLIS
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA INTEGRADA AO
ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE DE JOVENS E ADULTOS - PROEJA
FLORIANÓPOLIS - SC